

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Maria Continentino Freire

"Escritura: desconstrução da linguagem em Derrida"

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia da PUC-Rio como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Paulo Cesar Duque Estrada

Rio de Janeiro, 2 de março de 2010



Maria Continentino Freire

"Escritura: desconstrução da linguagem em Derrida"

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Paulo Cesar Duque Estrada
Orientador
Departamento de Filosofia da PUC-Rio

Prof. Luiz Camillo Osório
Departamento de Filosofia da PUC-Rio

Prof. Rafael Haddock-Lobo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 2 de março de 2010

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Maria Continentino Freire

Graduou-se em comunicação social em 2003 pela UFRJ, trabalha com cinema desde 1997 como assistente de direção e montadora. Dirigiu o curta-metragem “Temporal” ganhador de alguns prêmios em festivais de cinema nacionais no ano de 2003. Em 2005 concluiu a pós-graduação lato sensu em arte e filosofia pela PUC-Rio com a monografia “O cinema de David Cronenberg: as potências do indiscernível”.

Ficha Catalográfica

Freire, Maria Continentino

"Escritura: desconstrução da linguagem em Derrida" / Maria Continentino Freire; orientador: Paulo Cesar Duque Estrada. – 2010.

81 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Derrida, Jacques, 1930-2004. 3. Escritura. 4. Linguagem. 5. Signo. 6. Desconstrução. I. Duque-Estrada, Paulo Cesar . II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

Para Claudia Castro

Agradecimentos

Ao CNPQ pela bolsa concedida que possibilitou a realização deste trabalho.

A Paulo Cesar Duque-Estrada pela orientação e pelas aulas estimulantes que desviaram meu percurso para a desconstrução.

Aos professores e funcionários do departamento de filosofia.

Ao NEED pelo companheirismo na pesquisa e nos debates desconstrutivos e, principalmente, a Carla Rodrigues pela revisão ortográfica desta dissertação.

A Claudia Castro e a Rafael Haddock-Lobo que, além de mestres profundamente marcantes em meu percurso pela filosofia, tive a sorte de ter como amigos queridos que, sempre perto, me fizeram caminhar por essas bandas com riqueza e segurança.

A Paula Padilha, amiga e companheira neste trajeto, pela proximidade, por todas as conversas, debates e leituras. Troca sem a qual este percurso seria menos interessante.

A Ana Maria, Ernani e Angela por acreditarem e apoiarem as aventuras.

A Felipe e Maria Flor pelo entusiasmo e alegria do encorajamento.

Resumo

Freire, Maria Continentino; Duque Estrada, Paulo Cesar (Orientador). **"Escritura: desconstrução da linguagem em Derrida"**. Rio de Janeiro, 2010. 81p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação acompanha a desconstrução do conceito de linguagem e o desenvolvimento de uma noção alargada de escritura pensadas por Derrida na primeira parte do livro *Gramatologia*. O primeiro capítulo aborda a constatação de um rebaixamento da escrita em relação à fala inerente ao conceito tradicional de linguagem que marca todo o pensamento ocidental, inscrevendo-o no que Derrida chama de uma clausura metafísica. Apontando um movimento de transbordamento do conceito de linguagem, que no século XX se deixa ver melhor do que nunca, o filósofo anuncia a possibilidade de liberação de uma noção radical de escritura que nos permite pensar diferentemente da lógica binária opositiva. O segundo capítulo é dedicado à leitura derridiana do *Curso de lingüística geral*, de Ferdinand de Saussure, em sua desconstrução do conceito logocêntrico do signo lingüístico e à apresentação de *quase-conceitos* chaves para o pensamento da desconstrução como *rastro* e *différance*. E, finalmente, o terceiro capítulo, traz à tona uma discussão sobre a condição de (im)possibilidade de todo projeto científico levando-se em conta este *quase-conceito* derridiano de escritura.

Palavras-chave

Derrida, escritura, linguagem, signo, desconstrução.

Abstract

Freire, Maria Continentino; Duque Estrada, Paulo Cesar (Orientador).
Writing and deconstruction of language in Derrida. Rio de Janeiro, 2010. 81p. MSc Dissertation – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation follows the deconstruction of a traditional concept of language and the development of an enlarged notion of writing presented by Derrida in the first part of the book *Of grammatology*. The first chapter approaches the perception of a degradation of the writing in relation to speaks inherent to the traditional concept of language that marks all western thought, inscribing it in what the philosopher calls a metaphysics enclosure. Pointing a movement of overflow of the concept of language, that can be felt better than never in the XX century, Derrida announces the possibility of a radical notion of writing that allows us to think differently than the binary opposition logic.

The second chapter is dedicated to Derrida's reading of Saussure's "Course in general linguistics" and his deconstruction of the logocentric concept of the linguistic sign and the presentation of some of his most important *quasi-concepts* as *trace* and *différance*. Finally, the third chapter brings the discussion about the condition of (im)possibility of every scientific project taking into account Derrida's *quasi-concept* of writing.

Keywords

Derrida, witting, language, sign, deconstruction.

Sumário

Introdução	9
1. Para além da linguagem: a disseminação da escritura	11
2. Desconstrução do signo	35
3. Uma ciência da escritura?	61
Desdobramentos	74
Referências bibliográficas	79

Introdução

Esta dissertação pretende tratar da noção de *escritura* apresentada por Jacques Derrida na primeira parte do livro *Gramatologia*, publicado em 1967 e considerado o mais importante da obra do filósofo. A grande importância deste ensaio se dá pela ideia de *escritura* apresentada nele que, como veremos, se confunde com o próprio pensamento da desconstrução de uma forma geral, preparando, portanto, o terreno para o modo como este pensamento parece se tecer e introduzindo o vocabulário do texto derridiano.

O *projeto gramatológico*, colocando em questão uma discussão sobre a possibilidade de uma ciência da escritura, traz à tona a denúncia de um rebaixamento desta em relação à fala que marca todo o pensamento ocidental, inscrevendo-o no que Derrida chama de uma clausura metafísica. Segundo o filósofo franco-magrebino, toda a cultura ocidental e a nossa noção de episteme são fundadas sobre uma visão restrita de escritura - uma escritura fonética - que reflete o privilégio concedido à fala como uma ligação direta e imediata com um *logos* regulador.

Este traço *fonologocêntrico* do pensamento ocidental que reduz a escritura apenas a uma escritura fonética, revela uma lógica dualista metafísica a qual todo pensamento parece ficar restrito. Veremos como a desconstrução da ideia da presença de um *logos* regulador liberta a escritura de suas amarras *fonologocêntricas* possibilitando o pensamento ir além de sua clausura metafísica, abalando, dessa forma, noções caras a todo o pensamento ocidental, como a ideia de origem, de unidade e de propriedade de todo conceito.

Seguiremos aqui o recorte já proposto pelo filósofo em *Gramatologia* com três capítulos básicos: no primeiro capítulo, nos preocupamos em elucidar de que forma Derrida sugere um "ultrapassamento" do conceito clássico de linguagem por uma noção alargada de *escritura*. Segundo o filósofo, o conceito clássico de linguagem não estaria mais dando conta de tudo o que, há mais ou menos, vinte séculos foi reunido sob ele, constatando, assim, seu *transbordamento*. O excesso de discursos que, no século XX, mais do que nunca, se produz em torno do tema da linguagem começa a deixar ver como esse termo não se contém mais em seus

limites, permitindo enxergar um trabalho do *logos* operando sobre ele no intuito de recalcar a disseminação da escritura.

O segundo capítulo acompanha a leitura desconstrutiva do *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand de Saussure no questionamento derridiano do conceito logocêntrico do signo lingüístico. Derrida considera a obra de Saussure como de extrema importância para o abalo daquilo que chama de metafísica da presença. As teses saussurianas da arbitrariedade e do valor diferencial do signo lingüístico são *insights* que proporcinaam a Derrida desenvolver *quase-conceitos* chaves para o pensamento da desconstrução como *rastro* e *différance*. Mas se, por um lado, o linguista suíço traz inovações fundamentais para a liberação de uma gramatologia, por outro, ele parece querer se inscrever dentro da tradição metafísica do pensamento, reforçando a ideia de um significado transcendental.

No terceiro capítulo, trazemos à tona a discussão derridiana sobre o caráter (im)possível de todo pensamento, ao chamar atenção para sua estrutura grafemática. Isto é, gramatologia, mais do que uma ciência da escritura, revelaria em seu próprio nome, a aporia em que todo pensamento está inscrito: os termos gregos *gramme* e *logos*, juntos numa só palavra, refletem o problema de uma ciência da escritura, já que esta coloca em questão a possibilidade da própria ciência.

Para além da linguagem: a disseminação da escritura

O transbordamento da linguagem

Logo no início de *Gramatologia*, Derrida nos fala de um *transbordamento* do conceito de linguagem que não estaria mais dando conta de tudo o que, há mais ou menos vinte séculos, foi reunido sob ele. E afirma que uma ideia de *escritura* estaria indo além da própria noção de linguagem, compreendendo-a e excedendo-a.

Poderíamos dizer que o *quase-conceito*¹ de *escritura* em Derrida funciona como linha-mestra do pensamento da desconstrução, mesmo que, como veremos ao longo dessa dissertação, não se possa mais, a partir desta noção, falar em centros organizadores do pensamento. Pelo contrário, esta noção de *escritura* vem justamente abalar as certezas que se estabelecem como fundamentos naturais ou universais que, segundo Derrida, enclausuram o pensamento. Mas seguiremos cuidadosamente o desenvolvimento desta noção alargada de *escritura* em *Gramatologia*.

Por enquanto é importante entender de que forma este “ultrapassamento” da linguagem pela *escritura* é sugerido por Derrida. Em primeiro lugar, é preciso marcar que este “ultrapassamento” não é proposto pelo filósofo franco-magrebino, mas apenas constatado por ele a partir da observação de um estranho movimento que parece se dar em torno do signo “linguagem”. A constatação de que o tema da linguagem é o mais discutido do século XX, de que ele nunca, “tanto como hoje, invadira como tal o horizonte mundial das mais diversas pesquisas e dos discursos mais heterogêneos em intenção, método e ideologia”², deixa ver um excesso de “sentido” que não se contém mais nos limites de seu conceito tradicional. Esse transbordamento permite enxergar aquilo que Derrida identifica como a clausura metafísica do pensamento em que o conceito clássico de linguagem está inscrito.

¹Derrida usa o termo ‘quase-conceito’ para mostrar a impossibilidade do pensamento ser organizado em conceitos fechados em si mesmos, homogêneos, auto-idênticos, abalando a lógica do próprio pela qual todo conceito se constitui.

²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 7.

Derrida reconhece no conceito tradicional de linguagem um rebaixamento da escritura em relação à fala que marca todo o pensamento ocidental. Segundo o filósofo, este rebaixamento seria mesmo o fundamento em que toda a lógica do pensamento metafísico estaria ancorada, pois o que se encontra aí como base é um privilégio concedido ao *logos* que comanda toda hierarquia das oposições binárias pelas quais o pensamento metafísico opera. Este privilégio do *logos* justifica o privilégio da fala em toda filosofia ocidental pois sempre se reconheceu nela uma ligação direta com o sentido, sua expressão primeira. Este reconhecimento marca a característica *fonologocêntrica* daquilo que Derrida chama de *metafísica da presença*, isto é, de um pensamento dualista que fundamenta a hierarquia entre os termos opostos com base numa suposta presença do sentido. Em outras palavras, o sentido se faria sentir mais presente ou mais próximo de um dos termos da oposição, garantindo, portanto, sua superioridade em relação ao outro termo do qual ele estaria ausente ou mais afastado. De acordo com esse privilégio que une a voz diretamente ao *logos*, a escrita fica relegada a mera sub-espécie da fala, apenas a uma forma de representação da linguagem falada, isto é, ela fica marcada por uma derivação e uma secundariedade que proporcionam sua redução fonética, assim, o conceito metafísico de linguagem fica restrito à perspectiva de uma escritura simplesmente fonética, a um meio de representação da linguagem falada.

Mas o excesso de discursos que se produz sobre o tema da linguagem no século XX, começa a se mostrar como uma crise em torno da redução fonética deste conceito e, também, como o sintoma desta época que, paradoxalmente, parece querer determinar como "linguagem" a totalidade de seu horizonte problemático:

tudo o que o desejo quisera subtrair ao jogo da linguagem é retomado neste, mas apenas porque, simultaneamente, a linguagem mesma acha-se ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarras por não ter mais limites, devolvida à sua própria finitude no momento exato em que seus limites parecem apagar-se, no momento exato em que o significado infinito que parecia excedê-la deixa de tranquilizá-la a respeito de si mesma, de contê-la e de cercá-la.³

Nesse sentido, podemos entender o projeto gramatológico como uma denúncia do rebaixamento da escritura e, assim, da clausura do pensamento metafísico e de suas características *fonologocêntricas*. Veremos como a

³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 7.

desconstrução deste rebaixamento é também a desconstrução dos pilares que sustentam a *metafísica da presença*, problematizando, assim, noções caras ao pensamento ocidental em geral, como a ideia de origem, de essência, de unidade e de totalidade de qualquer conceito.

O sintoma desta época da metafísica da presença, que se mostra na forma do *transbordamento* do conceito de linguagem, é a constatação "da incapacidade da língua (fonética) de dar conta deste *transbordamento*"⁴, mostrando a necessidade de uma desconstrução do domínio do *logos* no pensamento e a irrupção de uma nova noção de escritura que faça justiça ao excesso de discursos que têm se produzido sobre essa questão. Como nos explica Haddock-Lobo:

ao denunciar esta inadequação do conceito de linguagem - apresentando um quase-conceito de escritura -, não se pretende que este quase-conceito seja 'adequado' àquilo que a 'linguagem' não dá mais conta, mas sim que a 'escritura' anuncie certa emancipação da necessidade de adequação em nome de um fazer justiça que excede a linguagem e que nunca será *adequado*, em nenhuma das acepções deste termo.⁵

E é nesse sentido, portanto, que podemos entender a ideia de escritura derridiana ultrapassando o conceito de linguagem tradicional. Nas palavras de Derrida:

Não é por acaso que esse transbordamento sobrevém no momento em que a extensão do conceito de linguagem apaga todos os seus limites. Como veremos: esse transbordamento e esse apagamento têm o mesmo sentido, são um único e mesmo fenômeno. Tudo acontece como se o conceito ocidental de linguagem (...) se revelasse hoje como a forma ou a deformação de uma escritura primeira: mais fundamental do que a que, antes desta conversão, passava por mero 'suplemento da fala' (Rousseau)"⁶

Desta forma, podemos entender o projeto gramatológico como o próprio pensamento da desconstrução, pois este ensaio que tem a fama de ser o mais importante da obra de Derrida, vem anunciar esse transbordamento fundamental que deixa aparecer esta nova ideia de escritura que libera o pensamento para além de sua clausura metafísica. *Gramatologia*, portanto, focando-se no problema da redução fonética da escritura na história do pensamento ocidental, anuncia o

⁴ HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. p. 53.

⁵ HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. p. 69.

⁶ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 8 -9.

pensamento da desconstrução de uma forma geral, pois mostra como esta redução fonética da linguagem esconde uma redução metafísica do pensamento como um todo. E, além disso, apresenta de forma precisa *quase-conceitos* de extrema importância para a leitura da obra de Derrida. Podemos mesmo dizer que a ideia de escritura apresentada aqui é a própria possibilidade da desconstrução, ou melhor, a própria possibilidade do pensamento, pois segundo Derrida, o pensamento não é a expressão de um sentido que existe dado anteriormente, mas, ao contrário, o sentido só pode se constituir a partir da própria possibilidade da inscrição.

Como veremos com cuidado no segundo capítulo dessa dissertação, a primeira parte de *Gramatologia* se desenvolve, principalmente, como a desconstrução do conceito metafísico de signo e, de acordo com Arthur Bradley, isto se dá porque Derrida coloca a questão do signo como um ponto de entrada privilegiado à lógica da metafísica como um todo: "A teoria logocêntrica do signo é, como veremos, baseada sobre uma oposição entre o que chamamos hoje de 'significante' e 'significado'. Esta oposição nos leva a uma rede alargada de oposições que compreendem a metafísica inteira."⁷ Derrida diz que a "inflação do signo 'linguagem' é a inflação do próprio signo, a inflação mesma. Contudo, por uma face ou sombra sua, ela ainda faz signo."⁸ Isto é, há algo na estrutura do signo que hoje nos permite pensar a desconstrução de sua teoria logocêntrica, abrindo-nos a possibilidade de enxergar uma ideia alargada de escritura que se mantinha reprimida pela restrição da forma metafísica de pensar. Derrida prossegue explicando que:

deixando de designar uma forma particular, derivada, auxiliar de linguagem em geral (...), deixando de designar a película exterior, o duplo inconsistente de um significante maior, o significante do significante - o conceito de escritura começava a ultrapassar a extensão da linguagem.(...) Não que a palavra 'escritura' deixe de significar o significante do significante, mas parece, sob uma luz estranha, que o 'significante do significante' não mais define a reduplicação acidental e a secundariedade decaída. 'Significante do significante' descreve, ao contrário, o movimento da linguagem: na sua origem, certamente, mas já se presente que uma origem, cuja estrutura se soletra como 'significante do significante' , arrebatada-se e apaga-se a si mesma na sua própria produção. O significado funciona aí desde sempre como um significante. A secundariedade, que se acreditava poder reservar à escritura, afeta todo significado em geral (...). Não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas

⁷BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p. 14.

⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 7.

significantes, que constitui a linguagem. (...) Isto equivale, com todo o rigor, a destruir o conceito de 'signo' e toda a sua lógica.⁹

Este abalo do conceito *logocêntrico* do signo reflete seus tremores por toda a forma de pensar da *metafísica da presença*. Veremos especificamente no capítulo seguinte o caminho que Derrida percorre para afirmar como todo significado encontra-se desde sempre em posição de significante, ou melhor, para usar o vocabulário de Derrida, como tanto o significante como o significado estariam na posição de *rastros*, adquirindo sentido apenas dentro de uma cadeia de significação. É importante notar na longa citação acima como esta desconstrução do conceito tradicional do signo faz romper com a idéia de origem que orienta e comanda o pensamento ocidental. Este rompimento com a idéia de origem explica a noção de escritura derridiana. Todo o esforço do pensamento inicial de Derrida gira em torno deste rompimento que estamos vendo aqui a partir da inflação do conceito de linguagem e de seu ultrapassamento pela escritura. A escritura assume um pensamento que não remete mais a um centro, que não conta com a presença de um *significado transcendental*¹⁰ para norteá-lo, ou seja, um significado que exista em si mesmo, independente de se encontrar referido por uma linguagem ou por uma estrutura de significação. Em outras palavras, a escritura é a denúncia de que todo significado não passa de um significante que em determinado momento apenas assume o efeito de significado, é a constatação de que não se pode sair de uma remessa sem fim de significante a significante e, nesse sentido, podemos reconhecer o advento da escritura como o advento do jogo, sendo impossível encontrar um lugar fora dele de onde se possa regular essa remessa sem fim. Nas palavras de Derrida:

O jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranqüilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos de fora-do-jogo que vigiavam o campo da linguagem.¹¹

⁹ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 8.

¹⁰ Sobre o significado transcendental citamos Derrida: "... daquilo que propus chamar de 'significado transcendental', o qual, em si mesmo, em sua essência, não remeteria a nenhum significante, excederia à cadeia dos signos, e não mais funcionaria, ele próprio, em um certo momento, como significante". DERRIDA, J. *Posições*. p. 25.

¹¹ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 8.

Desse modo, podemos pensar a desconstrução como o jogo da escritura, como a assunção da falta de um significado maior que regule e garanta todo discurso, de fora do jogo. E é nesse sentido também que devemos entender o título do primeiro capítulo de *Gramatologia*, “O fim do livro e o início da escritura” com uma certa ironia, já que, problematizando, justamente, a noção de origem, Derrida nos fala da impossibilidade tanto de rastrear o início como também de decretar o fim do que quer que seja, pois este gesto de rastreamento da origem seria típico da operação metafísica do pensamento cuja desconstrução está sendo constatada aqui. “O fim do livro e o início da escritura” de que fala Derrida aponta para a liberação desta idéia alargada de escritura que assume a irreduzível disseminação do sentido que não pode se conter nos volumes de um livro. A unidade do livro, aqui, diria respeito ao controle do *logos* sobre o que se escreve, isto é, diria respeito à redução fonética da escritura, a uma escritura que representa uma suposta fala plena. “O fim do livro”, então, estaria anunciando uma “morte da fala”, de uma fala que se pretende plena. Mas é importante entender que Derrida não está decretando a morte de nada, nem da fala, nem do livro, como se poderia supor de uma atitude ingênua que pretendesse sair da metafísica para criar uma nova arquitetura. A “morte da fala” aqui é dita metaforicamente para se pensar em sua nova situação numa “estrutura” em que ela não será mais o centro. Essa nova situação é a abertura, é uma mutação na história da escritura, ou como aponta Derrida na “história como escritura”. Até porque o filósofo nos lembra da eficácia que a morte carrega e que essa atitude só poderia, de forma tola, reafirmar um desejo metafísico. Derrida não supõe a possibilidade de ultrapassamento da metafísica, como nos explica Bradley:

Derrida não propõe que nós possamos simplesmente superar os assuntos logocêntricos ou metafísicos. Nós não podemos simplesmente estabelecer uma nova teoria ou um novo sistema de conhecimento mais preciso para substituir a metafísica da presença. Se a obra de Derrida é uma dura interrogação da metafísica, permanece o fato de que ele é profundamente cético em relação a qualquer tentativa de ir 'além' dela pela simples razão de que nós não temos nenhuma forma de pensar, de falar ou de escrever que não seja dominada pela tradição metafísica. (...) Rejeitar a metafísica, de pronto, é, em outras palavras, rejeitar a própria linguagem e o próprio pensamento.¹²

¹² BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology* p.10

É preciso, então, entender a desconstrução não como uma alternativa à metafísica, como algo que pretenda se localizar fora dela ou decretar seu fim, mas como o reconhecimento de suas clausuras e como a assunção de suas brechas e contradições na tentativa de transbordamento de seus limites, de seus contextos, de seus horizontes.

O duplo gesto da desconstrução

Enxergar a tensão e o conflito que operam nas estruturas conceituais metafísicas é essencial para se entender o “gesto desconstrutivo”. A desconstrução pode ser vista como o abalo que acontece dentro de um sistema conceitual que até então se manteve estabilizado em suas oposições, com lugares definidos para cada termo. Mas segundo Derrida, é impossível que um sistema, dentro do qual haja um conflito, se mantenha estável para sempre com as mesmas forças operando dentro dele. Uma vez que se percebe que a universalidade dos conceitos, que a estabilidade e a coerência de tais estruturas não podem se dar sem a violência de uma imposição hierárquica, pode-se deduzir que em algum momento, algum tipo de perturbação irá necessariamente ocorrer dentro da estrutura ou do sistema. Essa perturbação ocorre na medida em que o termo antes rebaixado se liberta, tornando possível que se olhe pra ele de uma forma diferente e se questione a idealidade de tal sistema em sua pretensão de se perpetuar enquanto tal.

Essa perturbação diz respeito, portanto, a uma necessidade estrutural, devido ao caráter construído ou instituído do sistema, e não a algo que Derrida deseje ou almeje com seu pensamento ou com a aplicação de um suposto ‘método desconstrutivo’ ”¹³

A necessária perturbação das estruturas conceituais afirma-se como uma convocação ao pensamento derridiano que, a partir do abalo de suas pretensas sólidas bases, quer se colocar como uma incessante vigília crítica em relação a esta pretensão de verdade de todo conceito. Derrida insiste no fato de que os sentidos são sempre instituídos, eles não são nunca naturais ou neutros e o pensamento desconstrutivo põe em evidência uma relação paradoxal que sempre

¹³DUQUE-ESTRADA, P. C. *Jacques Derrida – Primeiros passos: da linguagem à escritura*. p. 51.

há entre, por um lado, a configuração do sentido e, por outro, o necessário colapso ou perturbação do “como tal” do sentido instituído.

Em relação à perturbação do sentido, Derrida vai chamar a atenção para dois momentos que caracterizam o movimento da desconstrução e que podem ser entendidos como uma espécie de estratégia geral: o momento de *inversão* e o momento de *deslocamento*. Esse “duplo gesto desconstrutor” pretende romper com o binarismo das oposições conceituais abrindo o pensamento para a alteridade, para o novo, isto é, não apenas para o que esteve rebaixado sob o estigma de derivado em relação a um termo original, mas também para tudo aquilo que ficou de fora da lógica interna que rege as oposições binárias conceituais de um pensamento.

Num primeiro momento, que não deve ser tomado como anterior cronologicamente, deve-se passar por uma fase de inversão das posições que, até então, os termos ocupavam no interior de um edifício conceitual. Em uma das entrevistas do livro *Posições*, Derrida insiste na necessidade de se passar por essa fase:

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando como uma coexistência pacífica de um face a face, mas como uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia. Descuidar-se dessa fase de inversão significa esquecer a estrutura conflitiva e subordinante da oposição. Significa, pois, passar muito rapidamente – sem manter qualquer controle sobre a oposição anterior – a uma neutralização que, praticamente, deixaria intacto o campo anterior, privando-se de todos os meios de aí intervir efetivamente.¹⁴

E, além disso, Derrida nos lembra que a palavra “fase” talvez não seja a mais rigorosa aqui, pois não se trata de uma fase cronológica, de um momento dado que depois pudéssemos esquecer para cuidar de outra coisa. Ele insiste que a necessidade dessa fase é estrutural, é a necessidade de uma análise interminável, pois a hierarquia da oposição binária sempre se reconstitui, portanto trata-se de uma vigília que não pode cessar.

Contudo, justamente porque a desconstrução não se reduz a uma mera inversão de conceitos, junto ao movimento de inversão opera-se um outro

¹⁴ DERRIDA, J. *Posições*. p. 48.

movimento que desloca o termo para um lugar onde ele não é mais visto apenas como sombra do seu oposto. Vemos, então, surgir um novo “conceito” que não está mais compreendido, ou que nunca esteve compreendido, no regime anterior.

O abalo provocado por este duplo gesto libera o pensamento de seu enclausuramento na hierarquia de uma certa estrutura conceitual, desmistificando sua suposta naturalidade e apontando para seu caráter instituído. Derrida nos lembra a importância de se perceber que todos os conceitos são construídos e, por isso, também, passíveis de serem desconstruídos. Não através de uma postura nihilista que não veja sentido em nada, mas justamente por um respeito radical pelo sentido, segundo o qual não se pode deixar de interrogar, além do nível semântico, o modo pelo qual se constrói a estrutura “enquanto tal” de todo sentido. Nas palavras de Paulo Cesar Duque-Estrada:

Ele não está interessado na aquisição de novas identidades conceituais, no enriquecimento dos conceitos com novas camadas de sentido. Na verdade, o sentido não é a principal questão para Derrida, e não porque ele simplesmente o ignore, mas, pelo contrário, porque ele reconhece, todo o tempo, a necessidade de compreendê-lo da maneira mais rigorosa possível. É que ele reconhece também, e ao mesmo tempo, que o sentido, qualquer que seja, é sempre algo instituído: ele não é nunca natural, neutro, não é jamais algo dado, em si e por si, como tal.¹⁵

Paulo Cesar Duque-Estrada nos alerta para duas leituras equivocadas que a estratégia desconstrutiva de inversão e deslocamento pode acarretar e que devemos evitar por afastarem-se justamente do gesto derridiano. O primeiro equívoco seria supor que a inversão desconstrutiva seria apenas um intercâmbio entre as posições da fala e da escritura, conquistando, agora, para a escritura uma posição dominante em relação à fala, querendo manter essa nova dicotomia. A questão derridiana não pretende prolongar este universo metafísico de oposições binárias, a fase de inversão não está separada do deslocamento que ela proporciona aos conceitos. O segundo equívoco seria achar que Derrida se guia por uma lógica do aprofundamento. Como se a noção de escritura que ultrapassa a linguagem fosse um conceito mais original e autêntico, que já estivesse, de alguma forma, contido no outro, mas que não conseguíamos enxergar nisso que normalmente entendemos por escritura, pois este seria um conceito superficial que

¹⁵ DUQUE-ESTRADA, P. C. *Jacques Derrida – Primeiros passos: da linguagem à escritura*. p. 52.

ocultaria em si uma escritura mais originária. Como diz Duque-Estrada:

Se assim fosse, a tarefa pretendida por Derrida seria, de fato, a de um aprofundamento do sistema conceitual a que pertence este conceito supostamente superficial e já familiar de escritura. Um tal aprofundamento visaria então liberar, ou melhor, criar as condições apropriadas para a manifestação e recepção daquilo que, em tal sistema, houvesse de mais originário. Tal perspectiva, no entanto, é completamente estranha à desconstrução¹⁶

Como vemos, Derrida não está interessado na criação e fundamentação de novas estruturas conceituais. O alargamento da noção de escritura, que está sendo desenvolvido nesta dissertação, aponta justamente para esta impossibilidade. Aponta para uma disseminação do sentido, para uma maneira de pensar que se afasta das oposições binárias, aproveitando os tremores inerentes aos supostos conceitos universais para fazer o pensamento continuar pensando.

Numa das entrevistas em *Posições*, concedida a Jean-Louis Houdebine e Guy Scarpetta, Derrida opõe à idéia de polissemia a sua idéia de disseminação. A polissemia, através de sucessivos deslocamentos de um registro conceitual para outro, faz com que os conceitos adquiram novas identidades, apontando, como diz Duque-Estrada, para uma “derradeira síntese futura de todos os seus níveis semânticos. Uma síntese derradeira que venha restituir a plenitude de uma palavra integral”¹⁷. Ainda segundo Duque-Estrada, a polissemia põe em movimento uma saída de si, mas, ao mesmo tempo, coloca também um movimento de retorno a si, em direção à plenitude da palavra integral, numa dialética regulada pelo horizonte do mesmo. Por sua vez, a disseminação faz explodir o horizonte semântico, colocando em marcha um movimento que não apenas “rompe com o caminho de volta, mas com a própria idéia de matriz, introduzindo a diferença no interior do mesmo”¹⁸. A própria idéia de identidade fica abalada com a disseminação. Como aponta Duque-Estrada, remetendo a um texto de Derrida - *O monolinguismo do outro* - bem posterior à *Gramatologia*, tudo o que habitualmente chamamos por identidade se forma a partir de um abalo da identidade. A lógica da disseminação mostra um funcionamento paradoxal entre, por um lado, “a formação do sentido, ou mais precisamente do ‘auto’ da auto-identidade do sentido, e, de outro lado, o

¹⁶ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 10.

¹⁷ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 13.

¹⁸ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 14.

abalo deste mesmo ‘auto’ da identidade do sentido”¹⁹. Assim, aquilo que vem a formar uma identidade é o que já a desloca, já a abala, e é por isso que

não se pode falar aqui nem em identidade nem em não identidade, mas sim em um processo contínuo de ‘ex-apropriação’, de ‘alienação sem alienação’, de uma ‘propriedade (‘auto’) que jamais se perde e jamais se reapropria’ processo este que se repete ‘interminável, indefinidamente, fantasmático...’ e que Derrida chama de identificação”²⁰

Quando se fala que a desconstrução acontece, que ela está no mundo e que se coloca em movimento à revelia de qualquer suposto método desconstrutivo, é porque Derrida faz dessa fragilidade intrínseca a toda identidade, dos abalos internos a ela, o motor de seu próprio pensamento. É por isso que ele diz que todo texto carrega em si os recursos para sua própria desconstrução, a própria tradição já apresenta os elementos para desconstruir-se. A crise, o abalo, dentro das estruturas conceituais guiadas pela lógica do mesmo, é causada pelo ‘auto’ de toda identidade. O termo “identificação” denuncia o caráter provisório de toda identidade.

Dessa forma, não se pode falar na criação de novos conceitos a partir dessa escritura múltipla, desdobrada, deslocada e deslocante. A escritura derridiana não vai mais se apresentar como um conceito e nem querer criar novos conceitos, só se pode falar aqui em *quase-conceitos* que Derrida nomeia de *indecidíveis*. Nas palavras de Derrida, os *indecidíveis* são:

unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais; nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na, mas sem nunca constituir um terceiro termo, sem nunca dar lugar a uma solução na forma da dialética especulativa”²¹

Podemos perceber, então, que com a liberação de uma ideia ampliada de escritura passamos a caminhar num terreno instável muito diferente daquele que a metafísica da presença pretende nos assegurar.

¹⁹ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 14.

²⁰ DUQUE-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 14-15.

²¹ DERRIDA, J. *Posições* p. 49.

Desconstrução das estruturas autocêntricas da metafísica da presença

Derrida identifica no pensamento ocidental um movimento que teria como objetivo a deformação e o confinamento da escritura numa função segunda e instrumental. Este movimento, como já vimos, pode ser identificado como a redução fonética da escritura, isto é, como um trabalho do *logos* operando sobre ela e promovendo seu recalçamento. Este trabalho do *logos* que restringe o conceito de escritura apenas a uma representação da fala, segundo o filósofo franco-magrebino, marca toda a história do pensamento ocidental desde o seu início até os dias de hoje tomando a forma do que se pode chamar de uma busca metafísica pela “presença”.

A escritura é vista pela tradição do pensamento ocidental apenas como tradutora de uma fala que se supõe plena e plenamente presente – “presente a si, a seu significado, ao outro”, isto é, ela é tida como uma “técnica a serviço da linguagem, porta-voz (*porte-parole*), intérprete de uma fala originária que nela mesma se subtrairia à interpretação”²². Portanto, o privilégio da voz no pensamento da tradição é visto por Derrida como a condição do tema da presença em geral: presença do sujeito a sua fala garantindo sua veracidade, presença do sentido à consciência (que em Husserl se dá na forma de um diálogo interior), presença do objeto (que garante a relação de intencionalidade).

No pensamento comandado pelo *logos*, a fala manteria uma proximidade e uma ligação natural com o sentido, seria um significante ligado diretamente ao significado. E essa conexão entre a voz viva e o sentido forma a unidade *phoné-logos* que constitui a essência da linguagem e que Derrida identifica como sua característica *fonologocêntrica*, pois prioriza-se

a fala (*phoné*) sobre a escritura (*gramme*) como o meio original ou privilegiado pelo qual a presença do *logos* é expressa. (...) Por um lado acredita-se que a fala é a expressão mais pura e imediata do pensamento, das intenções ou da ‘presença’ de quem fala: eu estou sempre ‘lá’ ou presente quando falo com alguém, por exemplo, e minhas intenções são comunicadas diretamente a eles sem nenhuma necessidade de uma ajuda intermediária. Por outro lado, contudo, a escritura é condenada a ser, no melhor dos casos, uma mediação, no pior, uma corrupção da presença pura da fala: eu obviamente não estou presente enquanto vocês lêem este livro, por isso ele possui uma vida independente que permite que ele seja lido independentemente de mim e até mesmo de minhas intenções.²³

²² DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 9.

²³ BRADLEY, A. *Derrida's of grammarology*. p. 8.

Portanto, nesta situação a escritura se apresenta como exterior à unidade formada pela voz e pelo sentido. Sendo apenas a representação da fala, uma técnica para fixá-la, fica relegada a um artifício, a um suplemento, a uma derivação, a um *significante de um significante*.

A lógica opositiva fundamentada pela pretensa presença de um significado transcendental é reafirmada de diferentes formas pela história do pensamento ocidental e parece justificar uma postura moralista de toda filosofia em relação à escritura, denunciando-a nos termos mais extremos e violentos como vazia, não confiável e aberta a más interpretações. Segundo Derrida, podemos perceber, desde Platão, uma atitude restritiva no que diz respeito a ela no intuito de proteger a linguagem da ameaça que ela representa. Encontramos em *Gramatologia* a acusação desta postura em diversos pensadores começando por Platão num caminho que passa por Aristóteles, Rousseau, Hegel, Husserl, até chegar a Heidegger e Saussure. Mas aqui apenas nos limitaremos a apontar ligeiramente esta denúncia derridiana no intuito de esclarecer o caráter *fonocêntrico* que o filósofo atribui à história da metafísica. Com exceção de Saussure, cuja teoria linguística dedicamos uma leitura mais detalhada no segundo capítulo desta dissertação, apenas indicaremos algumas chaves da leitura derridiana sobre alguns desses filósofos apontados em *Gramatologia*.

Quanto a Platão, o filósofo franco-magrebino aponta diversas vezes, ao longo de *Gramatologia*, este traço fonocêntrico de sua obra, mas é importante lembrar que Derrida desenvolve melhor esta relação entre fala e escritura na obra de Platão em outro ensaio intitulado "A farmácia de Platão" que expõe, a escritura como um *Pharmakon*, isto é, algo que seria, ao mesmo tempo, um veneno e um remédio. A ideia do *Pharmakon* em Platão é muito importante na obra de Derrida e funciona mesmo como um *indecidível* derridiano, mas é importante lembrar que esta leitura platônica já se dá no caminho da desconstrução do conceito tradicional da escritura, pois o *Pharmakon* ganha importância em Derrida justamente por denunciar, talvez, uma falta de cuidado da tradição na leitura de Platão, pois este caráter *indecidível* do *Pharmakon*, sublinhado por Derrida, nunca foi muito ressaltado na filosofia, geralmente ele é traduzido simplesmente como um veneno, revelando apenas uma de suas faces. De qualquer forma, ele mostra a preocupação de Platão com o poder da escritura corromper a pureza da fala.

Segundo Platão, a invenção da escritura traria consigo o perigo do esquecimento, a memória viva ficaria ameaçada pelo auxílio de um lembrete auxiliar. Não sendo mais preciso recorrer à memória viva depois da técnica da notação, ela correria o risco de desaparecer, sendo substituída por uma técnica vazia que apenas dissimula a presença do *logos*, por um recurso exterior que aniquila a memória interna. Comparada à fala, a escritura é vista, portanto, como vazia e enganadora, orfã que não conta com a presença de um "pai" para garantir sua verdade. Com respeito à autoridade de um pai que garante a veracidade do discurso, Derrida lembra também o aspecto *falocêntrico* da metafísica, pois "a voz da verdade é sempre a voz da lei, de Deus, do pai. Virilidade essencial do *logos* metafísico."²⁴ Na "Farmácia de Platão", Derrida diz que o sujeito falante é o pai de sua fala (...). o *logos* é um filho, então, e um filho que se destruiria sem a presença, sem a assistência presente de seu pai (...) que responde por ele e dele. Sem seu pai ele é apenas, precisamente, uma escritura."²⁵

Em Aristóteles também fica explicitada a exterioridade e a secundariedade da escritura. Derrida cita Aristóteles: "Os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz".²⁶ Na visão de Aristóteles a voz mantém com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata. Produtora dos primeiros símbolos, ela não é um significante qualquer, ela significa o "estado de alma" que reflete as coisas por semelhança natural. Dessa forma, entre a alma e o discurso haveria uma relação de simbolização convencional, mas uma convenção primeira que se produziria numa ordem de significação natural e universal da linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, seria apenas a fixação da linguagem falada, mantendo uma ligação artificial com o significante primeiro, confirmando sua estrutura de *significante do significante*.

Quanto a Rousseau, Derrida dedica toda a segunda parte de *Gramatologia* a uma análise da posição da escritura em sua obra, cuja relação com a fala refletiria a oposição entre natureza e cultura. Não chegaremos a discutir nesta dissertação a segunda parte de *Gramatologia*, mas é importante marcar que Derrida também denuncia o caráter *fonocêntrico* da obra do iluminista francês que

²⁴ DERRIDA *apud* DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 17

²⁵ DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. p. 22

²⁶ ARISTÓTELES *apud* DERRIDA. *Gramatologia*. p. 13

vê na escritura um suplemento da fala.

Podemos dizer que a relação de Derrida com Husserl também se desenvolve a partir da denúncia do privilégio da voz e do consequente rebaixamento da escritura. Derrida dedica a este tema em Husserl um importante ensaio intitulado "A voz e o fenômeno", publicado no mesmo ano de *Gramatologia* (1967) e que Derrida diz ser o ensaio pelo qual talvez tenha maior apego²⁷. Não é possível fazer aqui uma análise detalhada da leitura derridiana de Husserl, mas para resumir em pouquíssimas palavras no pensamento do fenomenologista o entendimento teria a estrutura de um ouvir, isto é, de um privilégio da voz, a consciência funcionaria na forma de um monólogo interior na relação consigo mesma.

Com relação a Heidegger, Derrida mostra uma posição mais ambígua do filósofo alemão no que diz respeito a estes centrismos. Por um lado, ao procurar se inscrever fora da metafísica, o pensamento ontológico heideggeriano ecoa muitas de suas clausuras. Sabe-se que o filósofo alemão é uma das maiores influências no pensamento de Derrida, mas num certo sentido, poderíamos dizer que Derrida se assemelharia mais a uma postura nietzschiana. Derrida salva Nietzsche de uma leitura heideggeriana que o coloca como mero inversor da metafísica. O duplo gesto derridiano da inversão e do deslocamento é, em grande parte, herdado de Nietzsche, pois Derrida vê na inversão nietzschiana (ao contrário de Heidegger) um movimento que também já é deslocante. Segundo Derrida, Nietzsche contribuiu poderosamente para libertar o significante de sua dependência e derivação com relação ao sentido e à verdade:

A leitura e portanto a escritura, o texto, seriam para Nietzsche operações 'originárias' (...) com respeito a um sentido que elas não teriam de transcrever ou de descobrir inicialmente, que portanto não seria uma verdade significada no elemento original e na presença do *logos*...²⁸

Como previne Derrida, Nietzsche não se deixaria compreender de modo ontológico, "é impossível desconhecer mais a virulência do pensamento nietzschiano"²⁹ pois ele se dá para além de qualquer compreensão do ser.

²⁷ DERRIDA, J. *Posições*. P.11

²⁸ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 23

²⁹ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 23

Assim, Derrida aponta, num primeiro momento, uma postura de Heidegger que, ao invés de abalar a instância do *logos*, estaria reafirmando-a, já que a verdade do ser apareceria como um *primum signatum* ou, nos termos de Derrida, um *significado transcendental*. Significado este, cuja existência seria necessária para garantir uma diferença absoluta e irreduzível entre significado e significante, ou, no idioma de Heidegger, entre ser e ente. Além disso, Derrida nos lembra um aspecto *fonologocêntrico* inerente ao pensamento do ser, remetendo-o diretamente à tematização de Husserl sobre a voz interior no monólogo da consciência consigo mesma. No caso de Heidegger é na voz que o pensamento do ser se apresenta por excelência, no chamado do ser:

A voz ouve-se - isto é, sem dúvida, o que se denomina a consciência - no mais próximo de si como o apagamento absoluto do significante: auto-afeção pura que tem necessariamente a forma do tempo e que não toma emprestado fora de si, no mundo ou na 'realidade', nenhum significante acessório, nenhuma substância de expressão alheia a sua própria espontaneidade.³⁰

A experiência de um monólogo interior em Husserl, que se reflete também na voz do ser em Heidegger, é vista por Derrida como a experiência do apagamento do significante na voz, como se o significado pudesse produzir-se a si mesmo sem a contaminação de uma exterioridade. Seria a produção espontânea de um significado completamente independente do significante. Esse apagamento do significante na voz constitui a condição da ideia mesma de verdade: o significado gerando-se espontaneamente de dentro de si no elemento da idealidade e da universalidade, no caráter não mundano dessa substância de expressão.

Mas é de extrema importância dizer que se Derrida aponta tão claramente este aspecto *fonologocêntrico* no pensamento de Husserl e, num primeiro momento, no de Heidegger, é para em seguida afirmar que a situação heideggeriana é muito mais complexa e ambígua em relação à metafísica da presença e ao logocentrismo. Derrida diz que o pensamento de Heidegger está compreendido nestes, ao mesmo tempo que os transgride, e que seria impossível fazer essa partilha pois para Heidegger

³⁰DERRIDA, J. *Gramatologia*. P. 24.

o sentido do ser não é nunca simples e rigorosamente um 'significado' (...) isto quer dizer que o ser escapa ao movimento do signo, proposição que tanto se pode entender como uma repetição da tradição clássica quanto como uma desconfiança face a uma teoria metafísica ou técnica da significação.³¹

Com estes exemplos, acreditamos já ser possível perceber em que sentido caminha a denúncia derridiana do rebaixamento da escritura na história da metafísica ocidental, mas além deste *fono-falo-logocentrismo*, Derrida também aponta outros centrismos característicos do pensamento metafísico que não podem ser dissociados destes. O rebaixamento da escritura fonética também deixa ver um *etnocentrismo* e um *antropocentrismo*. Derrida mostra como tanto um como o outro estão totalmente vinculados à questão do privilégio da voz no pensamento, pois a escritura como fixação da fala só pode se dar a partir de um modelo fonético, que exclui todas as outras formas de escrita no mundo que não passam pela mediação do som, como por exemplo, os hieróglifos chineses, ou qualquer outra escrita pictográfica, em que não é necessária a mediação do som na ligação com o sentido. Mas é apenas sobre a escritura fonética - a escritura que se limita a fixar, a representar os sons emitidos pela voz, a escritura do alfabeto grego, por exemplo - que o pensamento ocidental parece se debruçar, pensando-a como uma escritura universal, impondo-a ao mundo inteiro como *telos* da escritura. Derrida chega mesmo a dizer, na abertura de *Gramatologia*, que o *logocentrismo* é a forma mais poderosa e mais original de um *etnocentrismo* que está hoje “em vias de se impor ao planeta e que comanda, numa única e mesma ordem: 1) o conceito de escritura (...); 2) a história da metafísica (...); 3) o conceito da ciência ou da cientificidade da ciência.”³²

Além disso, Derrida ainda aponta um forte *antropocentrismo* no conceito restrito de escritura que caracteriza o pensamento metafísico. Esta visão exclui uma noção mais vasta da escritura como fixação de qualquer marca, como instituição durável de qualquer signo. O conceito de escritura sempre foi considerado pelo pensamento logocêntrico uma capacidade exclusivamente humana e que, inclusive, serviu para justificar diferenças mesmo entre os homens, classificando alguns povos como "inferiores" por acreditar serem "sem escritura".

³¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 28.

³²DERRIDA, J. *Gramatologia* p. 4

Mas a emancipação da escritura, a *inversão* e o *deslocamento* de sua subordinação, propostos por uma leitura desconstrutiva a partir da tradição, deixa tudo aparecer de outra maneira: “tudo ocorre, portanto, como se o que se denomina linguagem apenas pudesse ter sido, em sua origem e em seu fim, um momento, um modo essencial mas determinado, um fenômeno, um aspecto, uma espécie de escritura.”³³ A liberação de uma ideia ampliada da escritura proposta por Derrida é consequência de uma leitura que deixa ver as pretensas sólidas bases que sustentam o pensamento metafísico:

desconstrução não é algo que a gente faz com um texto de fora tanto quanto algo que nós revelamos sobre o modo como cada texto é construído internamente (...) é menos o nome de uma ferramenta ou instrumento que nós aplicamos a um texto do que uma básica condição de todo texto.³⁴

O questionamento da presença de um *significado transcendental* que exista em si mesmo, independente de qualquer mediação provoca uma torção na oposição metafísica entre fala e escritura que permite que tudo seja visto de outra forma. Não que se pretenda apenas inverter as ordens de importância entre a fala e a escritura garantindo, agora, para esta última uma superioridade antes não reconhecida. O alargamento do conceito de escritura se dá a partir da posituação das mesmas características que o pensamento metafísico atribui a ela e do reconhecimento da extensão dessas características a toda linguagem. Como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, esta torção desloca o conceito de escritura para um outro lugar, ampliando-o, radicalizando-o e tornando possível reconhecer, agora, na própria fala uma espécie de escritura ao assumir a condição de mediação, isto é, de *significante do significante*, de todo signo. Enxergamos, então, como o compromisso metafísico com a fala depende de uma contradição fundamental: o caráter de mediação que a tradição metafísica costuma atribuir apenas à escritura é reconhecido como condição de toda linguagem.

Como já sugerimos acima, podemos perceber que a desconstrução não se posiciona contra o pensamento metafísico como se ele devesse ter se desenvolvido de outra forma, mas coloca-se como o abalo da base de suas estruturas autocêntricas que refletem a crença na possibilidade de um conceito próprio, homogêneo, auto-idêntico, que exista independente de qualquer

³³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 10.

³⁴BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p. 43.

mediação. Em outras palavras, a desconstrução problematiza a possibilidade da relação a si, da propriedade de todo conceito que não leva em conta o caráter mediado a que toda significação está submetida. O sistema autocêntrico da metafísica não reconhece a alteridade pressuposta em toda relação e segue tentando abafar esta alteridade, esta diferença inerente a todo conceito. Como nos explica Bradley:

Para Derrida, então, o processo de leitura não é uma questão de ativamente desconstruir o logocentrismo tanto quanto o de mostrar que a metafísica da presença está já em processo do que poderíamos chamar de auto-desconstrução desde quando ela possui um 'auto'. (...) o que chamamos desconstrução é o nome para uma instabilidade estrutural ou de fundamento, na qual, apesar de parecer o oposto, toda metafísica se ergue.³⁵

Em outras palavras, a postura da desconstrução em relação ao logocentrismo não o apresenta como se ele fosse errado, como se nós pudéssemos, agora, deixar a história logocêntrica para trás para partirmos para algo melhor. Mas o oposto, esta história é fundamental, pois ela é a própria história da filosofia. Ainda de acordo com Bradley, o objetivo de Derrida é mostrar como o próprio logocentrismo se desconstrói, é mostrar como essa estrutura do 'auto', do "próprio", aponta sempre para uma alteridade, para uma impossibilidade de uma identidade pura. Tanto que podemos muito bem enxergar como essa história logocêntrica está sempre se reconstruindo de formas diferentes. Derrida questiona justamente uma visão que afirma uma auto-construção do logocentrismo

- a história oficial que ele se conta sobre o modo como ele é organizado - e mostra como ele pode ser reconstruído de outra maneira (...) sempre será possível escrever a história do logocentrismo de forma diferente porque ele é fundado numa impossibilidade que significa que ele nunca pode se satisfazer em seus apelos pela autenticidade: nenhum texto, autor ou tradição nunca é puramente ou simplesmente logocêntrico.³⁶

Na verdade, o pensamento *logocêntrico*, para Derrida, aparece como uma espécie de desejo metafísico por uma plenitude que nunca se alcança de fato, um desejo por um significado transcendental que venha colocar fim ao jogo infinito

³⁵ BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p 43.

³⁶ BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p. 47.

de remetimentos e que garanta uma verdade permanente, estável, auto-idêntica. É por isso que pretender sair da metafísica, para Derrida, afirma o próprio desejo metafísico, pois reflete o desejo pelo estabelecimento de um outro sistema mais verdadeiro. O que Derrida põe em questão não é exatamente o desejo por esse significado transcendental, mas a possibilidade de alcançá-lo, pois sem esse desejo talvez não houvesse pensamento, vontade de ir adiante. Mas encontrar o significado transcendental seria, do mesmo modo, estancar o pensamento, decretar o fim do "jogo". Dessa forma, o que Derrida sugere é pensar diferentemente da lógica metafísica, isto é, perceber e assumir o caráter frágil e provisório do pensamento, desestabilizando, tirando toda certeza de seu centro:

a ênfase do pensamento disseminador, desconstrucionista, de Derrida recai, ao contrário, exatamente sobre o desenlace ou o afrouxamento das amarras de uma condensação momentânea de feixes que se quer passar por uma 'identidade', ou ainda, em outros termos sobre os momentos des-configurantes em que se constitui, de um modo necessariamente precário ainda que quase nunca assumido, uma dada 'configuração'.³⁷

Vimos que no pensamento da metafísica da presença, baseado na crença da existência desse *significado transcendental*, toda relação com o texto, entendido como um tecido de signos, deve prestar contas ao *logos*, isto é, a relação com o texto fica confinada a uma secundariedade em que o *logos* é sempre primeiro. Há uma verdade, um sentido, constituído anteriormente, que tanto a leitura como a escritura devem buscar. E é desse modo que podemos tentar entender ainda mais o que Derrida chama de "o fim do livro e o início da escritura". Segundo o filósofo da desconstrução, o discurso metafísico promove, sobre o conceito de escritura, uma certa divisão definindo o que seria uma "boa escritura" e uma "má escritura". A boa escritura seria aquela que, metaforicamente, Platão denomina, por exemplo, como a "escritura da verdade na alma" ou aquilo que está contido no que a filosofia medieval chama de "livro de Deus" ou "da natureza", estas escrituras nomeadas metaforicamente e vistas como "boas escrituras" são opostas, por esses pensadores, a uma "má escritura", à escritura sensível, à escritura no sentido "próprio". Derrida denuncia aqui que esse tipo de metáfora só serviria para afirmar o privilégio do *logos* e fundar o sentido "próprio" dado à escritura: *significante do significante*, má escritura. A metáfora

³⁷DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 17 n. 22.

aqui serve para reafirmar a presença de um *logos* regulador. Mas o paradoxo que Derrida anuncia é que justamente a escritura considerada como natural e universal, a boa escritura, recebe este nome por metáfora, uma metáfora reconhecida e assumida pelos pensadores da metafísica da presença. Mas o que os detentores deste discurso metafísico nunca chegaram a pensar é que o sentido "próprio" da escritura sempre foi a metaforicidade mesma. Por isso, não se trata de determinar uma boa escritura oposta a uma má escritura baseado na diferença entre um sentido próprio e um sentido metafórico, mas de reconhecer em toda escritura, e por isso em toda linguagem, uma condição que é a de só produzir metáforas. Isto é, se todo sentido só é constituído a partir da escritura, se todo sentido depende sempre de uma construção, da mediação de uma linguagem, ele nunca pode, realmente, ser um sentido "próprio", ele é sempre metafórico, derivado.

E é baseado na metáfora que enxerga a "boa escritura" como aquela que está contida no "livro da natureza" ou no "livro de Deus" que Derrida chama a época metafísica, mais do que como a civilização da fala, como a civilização do livro, pois, nesse sentido, o livro é visto como a tentativa de contenção da disseminação da escritura em um volume, como uma unidade completa com um começo, um meio e um fim. A ideia da totalidade do livro mostra o desejo metafísico de colocar um ponto final nas escrituras, de fechar e solucionar as questões. Segundo Jonathan Culler,

os filósofos escrevem mas não acham que a filosofia deveria ser escrita. A filosofia que escrevem tratam a escrita como um modo de expressão que é, na melhor das hipóteses, irrelevante ao pensamento que expressa e, na pior, um obstáculo a esse pensamento. (...) A filosofia caracteristicamente espera solucionar problemas, mostrar como as coisas são ou desembaraçar uma dificuldade, e assim colocar um fim nos escritos sobre um assunto, entendendo-o corretamente (...) na verdade essa esperança de entender corretamente é o que inspira os críticos a escreverem, embora eles saibam ao mesmo tempo que escrever nunca põe fim à escrita. Paradoxalmente, quanto mais vigorosa e autorizada for uma interpretação, mais escritos gera.³⁸

E para completar esta ideia com uma frase de Richard Rorty: "Para Derrida escrever sempre leva a mais escritos, e mais, e mais ainda."³⁹ E é por isso que as ideias do fim do livro e do início da escritura são ditas metaforicamente. O

³⁸ CULLER, J. *Sobre a desconstrução*. p. 104-105.

³⁹ RORTY *apud* CULLER. *Sobre a desconstrução*. p. 104.

fim do livro anunciado pelo filósofo diria respeito ao abalo da crença de uma civilização metafísica na presença de um significado transcendental que regule de fora tudo o que se escreve. E, do mesmo modo, o início da escritura não pode ser entendido como o começo de nada, pois, como já vimos, esta noção de escritura alargada que Derrida nos apresenta sempre existiu. Mas pelo trabalho árduo da regulação de um *logos* operando sobre ela, pelo desejo metafísico da conclusão do pensamento, tornou-se muito difícil assumir seus perigos.

Assim, é de extrema importância entendermos que, para Derrida, há uma grande diferença entre detectar a clausura de uma época e decretar seu fim. Para ele, detectar a clausura da época metafísica não significa sair dessa época. Uma postura identificada, por exemplo, no pensamento de Heidegger que, ao denunciar o esquecimento do ser em toda a história do pensamento ocidental, que ele também nomeia como um pensamento da metafísica, pretende se posicionar fora dela, inaugurando, com a novidade de seu pensamento, uma nova época capaz de pensar o ser autenticamente. Ao herdar de Heidegger uma crítica ao logocentrismo que se confundiria com a determinação do sentido como presença, Derrida não pretende repetir o gesto heideggeriano de ultrapassamento da metafísica.

O fim do livro e o início da escritura, problematizando, então, as noções de fim e de início dão a ver uma nova ideia de escritura que abala as pretensas certezas metafísicas, mexendo com toda a forma 'familiar' de lidar com o texto. O sentido de texto derridiano é muito mais vasto do que aquele entendido como uma unidade formada por uma escrita humana. Nas palavras de Derrida:

o conceito de texto que eu proponho não se limita nem à grafia, nem ao livro, nem mesmo ao discurso, menos ainda à esfera semântica, representativa, simbólica, ideal ou ideológica. O que eu chamo de 'texto' implica todas as estruturas ditas 'reais', 'econômicas', 'históricas', socioinstitucionais, em suma, todos os referenciais possíveis.⁴⁰

O texto derridiano diz respeito, então, ao texto formado pela noção radical de escritura. Uma escritura que reconhece não só a própria fala como uma espécie de escritura, como também tudo o que se chamou até agora de linguagem e, para além dela, tudo o que poderia gerar uma espécie de inscrição e que os limites da

⁴⁰ DERRIDA, J. *Limited Inc.*, p. 203

linguagem não conseguem mais conter:

Já há algum tempo(...) diz-se 'linguagem' por ação, movimento, pensamento, reflexão, consciência, inconsciente, experiência, afetividade etc. Há agora, a tendência a designar por 'escritura' tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita; e a seguir, além da face significante, até mesmo a face significada; e, a partir daí tudo o que pode dar lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ele distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também, 'escritura' pictural, musical, escultural, etc.⁴¹

O texto que é, então, produzido pela escritura do *rastro*, se afasta da ideia do livro como a ideia da totalidade do significante, isto é, a ideia de algo que está sempre apontando para fora dele, para a totalidade de um significado que é constituída anteriormente e a que ele deve estar sempre se reportando, que está de fora vigiando sua inscrição. A ideia do livro, desta totalidade "é profundamente estranha à ideia de escritura. É a proteção enciclopédica da teologia e do logocentrismo contra a disrupção da escritura, contra sua energia aforística e, como precisaremos mais adiante, contra a diferença em geral."⁴²

A unidade de significação da escritura derridiana é o *rastro*, o *grama* - ou o grafema - isto é, aquilo mesmo que aponta para a impossibilidade de unidade. E esse elemento não diria respeito apenas ao homem, como se restringiria o conceito tradicional de escritura. A escritura do *grama* ultrapassa o limite antropológico, ela diz respeito a tudo o que possa gerar uma inscrição, uma fixação, uma marca, independente de ser uma criação humana. Por isso, o elemento dessa escritura, o *grama*, o *rastro*, escapa do sistema de oposições da metafísica. Como se verá, ele escapa da questão da presença, ele não é nem presença nem ausência e nos força a pensar de uma forma diferente da lógica da oposição binária metafísica:

A 'racionalidade' - (...) - que comanda a escritura assim ampliada e radicalizada, não é mais nascida de um *logos* e inaugura (...) a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *logos*. Em especial a significação de verdade.⁴³

É assim que podemos entender como a noção de escritura derridiana não se contém nos limites do livro, já que ela rompe com as amarras metafísicas no

⁴¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 10-11.

⁴²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 22.

⁴³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 13.

reconhecimento da impossibilidade de suas maiores certezas, da instabilidade de suas bases mais firmes, da fuga incontrolável e da irreduzível disseminação daquilo que mais se desejaria conter.

2

Desconstrução do signo

Do signo logocêntrico

"Derrida não começou exatamente no começo, se considerarmos os começos clássicos". É o que diz Geoffrey Bennington referindo-se ao fato de Derrida ter se concentrado sobre a questão do signo no início de sua obra, pois segundo o pensador inglês "começar pelo signo é começar pelo secundário mesmo, é já estar no desvio. Segundo a lógica da lógica (do *logos*), o signo é signo de alguma coisa, ele toma o lugar da coisa na sua ausência, representa-a, esperando sua volta."⁴⁴ Essa afirmação de Bennington tem toda coerência com relação ao que já dissemos sobre a constatação de Derrida da impossibilidade de se começar pelo começo. E, se Derrida começa pelo signo é porque, segundo ele, o signo está no começo, o que equivale a dizer que não há começo absoluto. Assim, Derrida afirma que a filosofia não escapa da questão do signo justamente porque este seria o seu começo sem começo.

Segundo Derrida, a teoria logocêntrica do signo estabelece uma visão sobre ele que dura até os dias de hoje e que fundamenta toda a lógica do pensamento ocidental. Pela "lógica da lógica", o signo é sempre "signo de" alguma coisa, ele é a representação dessa coisa em sua ausência, devendo estar "suficientemente separado dela para ser seu delegado, mas ainda suficientemente ligado a ela para ser seu signo, para só remeter, em princípio, a ela."⁴⁵ Além disso, como nos explica Bennington, é importante perceber uma divisão tripartite do signo. Ele teria, por um lado, uma face significante, sensível, como um som ou uma marca dada, que se remeteria a um significado, um conceito ou um sentido pré-existente. Sendo que é a unidade formada pelo significante e pelo significado que constitui o signo. Esta unidade, por sua vez, remeteria a um referente, à coisa mesma, ao mundo, à "realidade". Dessa forma, aquilo que o signo deve substituir, representar, aquilo que está ausente, não é o sentido, o significado, sem o qual o

⁴⁴ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p.26.

⁴⁵ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 26.

signo não funcionaria, mas o referente. O significante e o significado seriam indissociáveis, apenas separados do referente para representá-lo de longe. Sem essa diferenciação tripartite entre significante, significado e referente não haveria significação e "toda a linguagem estaria reduzida a uma lista de nomes próprios de coisas, e não seria de fato uma linguagem."⁴⁶

Bennington nos diz que, para Derrida, esta divisão tripartite do signo inscreve-o no reino da idealidade que toca pelos dois lados um reino da materialidade: "Para cima, em primeira posição, as coisas, o mundo, a realidade; pra baixo, em terceira posição, o significante, o corpo fônico ou gráfico. (...) o signo sempre foi pensado a partir desta distinção entre o sensível e o inteligível, e não pode ser pensado de outra forma"⁴⁷ E é nesse sentido que Derrida vê a teoria logocêntrica do signo como essencialmente teológica: "o signo e a divindade têm a mesma hora e local de nascimento"⁴⁸. Na explicação de Bradley, a teoria logocêntrica do signo seria o encontro da teologia cristã com a metafísica grega. A distinção inerente ao signo entre significante e significado reflete a distinção teológica entre o mundo sensível e o mundo inteligível -

'esse' mundo e o 'outro' mundo - (...) a alegação de Derrida é que o signo falado ou escrito é sempre o signo de um reino que existe anterior e independentemente do mundo sensível, seja ele a mente de deus ou, como veremos adiante no caso de Ferdinand de Saussure, meramente uma ideia ou um conceito inteligíveis. De qualquer forma, [Derrida] argumenta, ele contém uma dimensão 'metafísica-teológica'.⁴⁹

Além disso, ainda de acordo com Bradley, Derrida identifica um modo ainda mais fundamental em que mesmo em sua forma mais moderna e científica o conceito de signo permanece teológico. Pois, como vimos acima, o signo foi sempre tido como "signo de", isto é, substituindo a ausência da coisa, fica pressuposta, por trás dele, uma "presença" pura e imediata. Essa presença metafísica da qual falamos no capítulo anterior, segundo Derrida, encontra sua expressão máxima no cristianismo, onde o Deus é um ser absolutamente presente que garante todo sentido:

⁴⁶ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 27.

⁴⁷ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 28.

⁴⁸ DERRIDA, J. *Gramatologia*. P. 16.

⁴⁹ BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. P. 45.

Se Saussure e outros linguistas modernos obviamente dispensam, sem nenhuma crença, um deus criador por trás do signo, Derrida tem pouca dificuldade em mostrar que eles ainda retêm um investimento residualmente teológico no que chama de um 'significado transcendental' - uma presença última - que ancora todo sentido nele mesmo: a presença de Deus é meramente substituída pela presença de quem fala, de seus pensamentos e de seus sentimentos, e assim por diante.⁵⁰

Mas poder identificar a época do signo como essencialmente teológica, mais uma vez, não quer dizer que se possa sair dessa época ou que se deva abandonar esse conceito. A desconstrução do signo se dá a partir das próprias características atribuídas a ele por essa época logocêntrica, teológica. Na verdade, podemos dizer que é essa noção metafísica de signo que dá as chaves a Derrida para pensar uma ideia alargada de escritura. Segundo Bennington, é a partir desses moldes, pelos quais o signo foi pensado pela metafísica, que torna-se possível compreender de que forma a filosofia se determinou como filosofia da linguagem e, como estamos vendo, "por que a linguagem pode revelar o que Derrida chamará o fechamento (que não é o fim ...) da metafísica."⁵¹ Pois, por essa visão, o signo é aquilo mesmo que pode religar os dois mundos, o sensível e o inteligível: "Esteja ele a serviço da idealidade ou da materialidade, dos conceitos ou das coisas, da *theoria* ou da *praxis*, o signo deve compor com o reino adverso"⁵².

Muitas vezes se atribuiu erradamente a Derrida um triunfo do materialismo baseado num suposto privilégio do significante sobre o significado. Mas depois de termos lido o primeiro capítulo desta dissertação podemos entender que esta leitura errônea da obra de Derrida se dá justamente a partir da crença de que, ao liberar uma visão ampliada de escritura, ele estaria invertendo a hierarquia da fala sobre a escrita determinando agora uma superioridade à escrita sobre a fala. E, como tivemos a chance de ver, não é por aí que se processa a desconstrução da linguagem metafísica, justamente porque a desconstrução do conceito metafísico de signo não trata simplesmente de garantir um privilégio do significante, até porque, como veremos melhor em seguida, Derrida, não pensa o significado como uma entidade ou uma unidade separável de seu significante:

Não reduziremos o significante simplesmente a uma 'imagem acústica', como dizia Saussure, e chegaremos a dizer que o significado não é mais do que um significante posto em uma determinada relação com outros significantes, que a

⁵⁰ BRADLEY, A. *Derrida's of grammarology*. p. 46

⁵¹ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p 28

⁵² BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 30

diferença entre significante e significado não é *nada*. Não se descarta que se fale de um 'corpo do significante' quando o contexto torna improvável o contra-senso. Mas não podemos rigorosamente falar de um materialismo do significante: primeiramente porque o significante não é material; em seguida porque não há significante⁵³

Dessa forma, para Derrida, o significante não é nunca essencialmente sensível, há nele uma idealidade que assegura sua "identidade" em suas repetições não idênticas, se o significante fosse apenas material não seria possível sua identificação numa repetição não idêntica. E, além disso, a citação acima mostra também que não há significante, pois Derrida reconhece que todo significado não passa de um significante "posto numa certa posição por outros significantes: não existe significado ou sentido, só há efeitos."⁵⁴ Mas esta afirmação, ao contrário do que pode parecer num primeiro momento, não garante um privilégio ao significante, pois o termo "significante" só faz "sentido" numa relação com o significado, e se, como vimos, não há significado, também não há significante. Só há *rastros*.

Mas se antecipamos aqui alguns passos de Derrida na desconstrução do signo logocêntrico foi só para podermos seguir melhor sua leitura do *Curso de lingüística Geral* de Ferdinand de Saussure, cujo pensamento já provocava abalos que proporcionaram ao filósofo franco-magrebino pensar alguns de seus *quase-conceitos* principais para entendermos sua visão de escritura como um "sistema" de diferenças.

A lingüística de Saussure

Todo pensamento de Derrida se dá a partir de uma leitura da tradição. Como já dissemos antes, a desconstrução não é um método que possa ser aplicado de fora com o objetivo de destruir outros pensamentos ou no intuito de procurar falhas que devam ser consertadas. Ela não assume essa função crítica no sentido de identificar erros cometidos no passado para consertá-los e oferecer uma visão correta na promessa de um movimento que aponte sempre para uma progressão. Segundo a desconstrução, o pensamento não alcança nunca um lugar fixo, correto, que não possa ser relido e por isso, desconstruído infinitamente a cada leitura.

⁵³ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 31.

⁵⁴ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 34.

Toda leitura comporta uma espécie de ruptura com o texto. Portanto, em sua postura desconstrutiva, Derrida não lê a tradição como algo que deveria ter sido diferente, mas a tem como uma espécie de motor para seu próprio pensamento que a partir de uma leitura atenta procura entrar nas brechas e contradições inerentes a todo discurso, forçando de dentro os limites do próprio texto lido, fazendo-o seguir e falar mais do que sua clausura possibilitava. É nesse sentido que este capítulo se baseia na leitura derridiana do *Curso de lingüística geral* de Ferdinand de Saussure. Derrida enxerga no pensamento de Saussure importantes passos em direção a uma abertura que possibilita pensar uma gramatologia geral, apesar de todas as denegações e exclusões que o lingüista suíço determina à escritura em seu *Curso*.

O fato de Derrida se dedicar a uma leitura atenta da lingüística e, mais especificamente, de Saussure não se dá à toa, pois sendo a linguística uma disciplina que oferece uma análise científica da linguagem, faz sentido que esteja em melhor posição do que, por exemplo, a história, a antropologia ou a arqueologia para nos oferecer uma definição rigorosa da escritura em geral. Além disso, Derrida ressalta o papel importantíssimo que ela assumiu para as ciências humanas contemporâneas e como a teoria de Saussure serviu de base para vários pensadores estruturalistas como Lévi-Strauss e Lacan. E um aspecto ainda mais importante a ser ressaltado aqui é que a teoria dos signos de Saussure já traz sérios abalos para a teoria logocêntrica do signo como mera representação física de uma ideia pré-existente, pois o *insight* que ele traz à tona apresenta uma ligação inextrincável entre o que ele nomeia de significante (a marca física) e o significado (o conceito ao qual a marca se refere). Os dois estariam unidos como *recto* e *verso* de uma folha, isto é, o significado seria totalmente dependente do significante. Aos olhos de Derrida, esse é um passo de extrema importância no questionamento de uma visão metafísica e teológica onde se supõe que as ideias existam totalmente independentes de seus significantes, sendo estes apenas marcas físicas que representam um conceito pré-existente. Mas, como veremos, se Saussure abre a possibilidade de se pensar o significante como *rastro* ele ainda está preso à ideia de um *significado transcendental*.

Derrida faz importantes comentários a partir de outros famosos lingüistas como Peirce, Jakobson e Hjelmslev, mas por ser impossível nos estendermos nesta dissertação sobre todas as considerações levantadas pelo filósofo franco-

magrebino em *Gramatologia*, vamos nos ater aqui apenas ao que consideramos ser a leitura mais importante do 2o capítulo deste livro, que possibilitará a Derrida desdobrar *quase-conceitos* de extrema importância para o pensamento da desconstrução como *rastro*, *arqui-escritura* e *différance*.

Seguiremos de perto as conseqüências que essas inovações propostas por Saussure possibilitam para o pensamento de Derrida. Mas veremos também que se é a partir do *Curso de linguística geral* que Derrida enxerga uma abertura para chegar a uma noção alargada de escritura, isto não se dá tranquilamente como se o gesto desta abertura já estivesse totalmente delineado em Saussure. Pelo contrário, se o lingüista suíço, por um lado, traz argumentos inovadores para seu campo de atuação, por outro, ele se comporta como extremamente conservador e moralista no que diz respeito à escritura. Veremos como a leitura derridiana do *Curso de linguística geral* segue sob uma tensão entre, por um lado, acolher a abertura que ele dá a pensar e, por outro, forçar a clausura logocêntrica em que ele se inscreve.

Na obra de Saussure, assim como na tradição metafísica, a escritura é reconhecida, pelo menos declaradamente, como estrita e derivada: estrita porque é mais um dos eventos que podem acontecer à língua sem que isso transforme sua essência, pois a língua teria uma existência independente da escritura e; derivada por ser representativa, isto é, significante de um significante primeiro (a fala), uma imagem cuja função é representar a palavra falada.

A leitura derridiana do *Curso* de Saussure sublinha as ambiguidades do pensamento do linguista suíço que parece não se dar conta da radicalidade dos argumentos que traz à tona. Derrida aponta um interessante paradoxo entre o que parece ser a intenção de Saussure e a proporção que seus argumentos tomam ao excederem tal intenção. Em certos momentos, Saussure parece querer colocar amarras (pouco justificadas para o que pretende ser uma ciência da língua) no intuito de conter esse transbordamento. Essas ambiguidades são logo percebidas pela leitura desconstrutiva, não porque ela pretenda indicar erros nesse texto, no intuito de sua correção, mas porque tais contradições permitem fazer o próprio pensamento de Saussure falar mais, ir além de uma clausura em que ele mesmo, por um lado, parece querer se inscrever.

Mas, como começávamos a dizer, Saussure reconhece à escritura a mesma posição que a tradição do pensamento ocidental sempre reservou a ela. Esta visão restrita, fonologocêntrica, considera apenas um certo tipo de escritura: uma

escritura fonética, cuja função seria a figuração da fala. O *Curso de linguística geral*, preso à clausura logocêntrica do pensamento, posiciona-a num lugar externo à língua, dizendo mesmo que língua e escritura são dois sistemas distintos de signo cuja a única razão de ser do segundo seria representar o primeiro. Esta visão restrita da escritura como escritura fonética, como já vimos, foi a base para todo o pensamento ocidental que sempre se sustentou sobre o pressuposto de um privilégio da fala em relação a ela. Contudo, a partir de um gesto totalmente desconstrutivo que fragiliza os pilares do pensamento logocêntrico, Derrida nos alerta que a *estrutura* da escritura fonética que possibilitou a instauração da episteme e que comanda a nossa cultura e a nossa ciência, na verdade, não seria nem mesmo uma *estrutura* e, sim, um *modelo*, pois "não se trata de um sistema construído e funcionando perfeitamente, mas sim de um ideal dirigindo explicitamente um funcionamento que *de fato* nunca é totalmente fonético."⁵⁵ Poderíamos pensar esse gesto desconstrutivo como a exigência de uma hiperlucidez que nos permitiria enxergar na pretensão de toda *estrutura* bases menos firmes que caracterizariam muito mais a ideia de *modelo* do que de *sistema*, e que, ao invés de firmar certezas, as veriam projetadas como desejos que sustentam uma perspectiva idealista.

Saussure, então, ao seguir o modelo da escritura fonética, define como objeto da linguística geral apenas a palavra falada. Esta, sozinha, justificaria a ciência da língua. Dessa forma, seu *Curso de linguística geral* não parece ser tão geral assim, pois ele prossegue fazendo restrições que limitam o seu estudo, no intuito de ver desenhado o campo de uma ciência. Mas o que surpreende de imediato, numa primeira leitura do *Curso*, é o espaço que a escritura acaba ocupando em seu estudo, pois mesmo operando tantas restrições, Saussure não consegue fazer abstração, no estudo da língua, daquilo que considera apenas sua forma de figuração.

Traçando uma diferença entre signo e símbolo, Saussure define a escritura como um sistema de signos, isto é, como aquilo que não mantém com o que "representa" uma relação natural, mas sim arbitrária, convencional - o que nos faz pensar no caráter de constructo, artificial, convencional de toda significação - enquanto o símbolo, ao contrário, é aquilo que representa algo por uma relação

⁵⁵ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 37.

natural, de semelhança, de figuração. Dessa forma, reconhecendo na escritura apenas um sistema de signos, Saussure define, em seu *Curso*, apenas dois tipos de escritura: uma escritura ideográfica, onde um único signo representa o conjunto da palavra, sendo estranho aos sons que a constituem e; uma escritura fonética, que representa os elementos sonoros que constituem as palavras. Para ele, não há escritura simbólica ou figurativa, isto é, escritura em que o grafismo mantém uma relação natural com o que é então não significado, mas representado ou desenhado.

A tese saussuriana da arbitrariedade do signo é de extrema importância para o abalo de seu conceito logocêntrico, pois ela deveria impedir uma distinção radical entre signo linguístico e signo gráfico, já que o caráter institucional comum a todo signo problematiza a ideia de naturalidade que sustenta a pretensa hierarquia entre significantes: se todo signo é arbitrário, convencional, instituído, porque o signo fônico deveria ser privilegiado por manter uma ligação natural com o sentido? Podemos perceber de que modo Derrida problematiza certas restrições do *Curso* de Saussure que, por um lado, lança teses tão inovadoras como o reconhecimento do caráter institucional e diferencial (que veremos em seguida) da língua, mas que por outro, tenta colocar amarras nas consequências destas teses procurando ainda uma garantia pura e natural para o pensamento. No início do *Curso* a tese da arbitrariedade do signo funciona mesmo como justificativa para a delimitação do objeto de estudo de Saussure, ou seja, para a restrição dos tipos de escritura que devem ser levados em conta na ciência da língua. Após reconhecer apenas esses dois tipos de escritura apontados acima, Saussure especifica ainda mais sua "ciência geral": ele vai tratar apenas da escritura fonética e daquela "em uso hoje em dia, cujo protótipo é o alfabeto grego."⁵⁶ Afirmando, assim, uma postura metafísica que enxerga a escritura fonética como o *telos* de toda escritura.

Outra tese inovadora de Saussure que já provoca um forte abalo na teoria logocêntrica do signo e que é de extrema importância para o pensamento de Derrida é a tese do caráter diferencial do signo linguístico. Segundo Saussure, "os signos linguísticos não são constituídos por nenhuma substância, fônica ou conceitual, intrínseca – um som ou uma ideia particular que habite o próprio signo

⁵⁶ SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. p. 36.

– mas por suas *diferenças* em relação a outros signos do sistema”⁵⁷. Dessa forma, todo signo só adquire sentido confrontado outros signos e, portanto, cada signo traz “em si” os *rastros* de todos os outros signos que não ele. Só se pode pensar na identidade de qualquer conceito quando este se encontra numa cadeia referencial onde um conceito está sempre em relação com outros conceitos. Por exemplo, a única evidência que nos faz reconhecer a “identidade” da palavra “cadeira” é que ela se diferencia, tanto fônica como conceitualmente, das palavras “mesa”, “chão”, “lápis”, “papel”, e assim por diante infinitamente. Mas voltaremos a estas teses ao acompanharmos a leitura derridiana.

O "dentro" e o "fora"

Derrida chama atenção para como as delimitações e as restrições traçadas por Saussure ajudam a tranquilizar as exigências que o campo científico parece impor. Considerar a escritura como derivada, como *significante do significante*, parece tornar fácil e justificar sua exclusão do sistema interno da língua com o objetivo de delimitar o campo de uma ciência. A partir de tantas restrições determinadas pelo linguista, Derrida marca o fato de que a cientificidade da lingüística tem como condição que seu campo tenha fronteiras bem rigorosas, que sua estrutura seja, de certa maneira, fechada e regida por uma necessidade interna. O pensamento científico é regido pela lógica dualista da metafísica e Derrida sugere que esse dualismo se dá aqui em função de um jogo opositivo entre um 'fora' e um 'dentro' que regula todas as hierarquias e promove exclusões pouco justificadas que deixam ver, por trás de argumentos que se pretendem naturais, uma orientação do pensamento para o que podemos entender como o desejo, a intenção do autor. Determinar, assim, que a escritura seja exterior ao sistema interno da língua só é possível num pensamento que acredita na existência de um 'dentro' da língua: “Derrida mostra em que sentido a ciência da linguagem de Saussure ainda é governada pela lógica da inclusão e da exclusão que caracteriza o logocentrismo: fala/escritura, dentro/fora, inteligível/sensível, e assim por diante.”⁵⁸

Como nos explica Duque-Estrada, determinar a escritura como *significante*

⁵⁷ BRADLEY, A. *Derrida's of Grammatology*. p. 69.

⁵⁸ BRADLEY, A. *Derrida's of Grammatology*. p. 61.

do significant justifica todas as outras características secundárias atribuídas a ela a que Derrida se refere como, por exemplo, "película exterior" ou "duplo inconsistente de um significante maior"

e às quais se acrescenta o seu caráter igualmente suspeito e perigoso, já que, com o surgimento de significantes escritos, o significado pode se propagar indefinidamente, para além da presença e, portanto, da autoridade do querer-dizer daquele que originalmente o proferiu.⁵⁹

Como veremos, o pensamento que assume a disseminação da escritura não pode mais operar exclusões baseadas numa oposição entre um fora e um dentro, porque justamente ele confunde a delimitação clara entre esses termos, contaminando um pelo outro, mostrando a impossibilidade de pureza de qualquer conceito e, desse modo, fazendo irromper o fora no dentro. Para Derrida, as ambiguidades do *Curso* de Saussure já demonstram essa irrupção da escritura e, na verdade, está o tempo todo tentando se proteger dela sem se dar conta de que o fato dela retornar a todo instante já deixa ver a possibilidade dela ser a "realidade" mais íntima da linguagem. O retorno insistente da escritura deixa ver como o pensamento enclausurado em sua visão restrita tenta se proteger, expulsando para fora de seu pretense sistema interno tudo aquilo que pode representar um perigo para o seu ideal de pureza e naturalidade.

Mas o que Derrida aponta como um acontecimento interessante que se dá na linguística é que, mesmo no seu desejo científico de delimitar um campo bem definido, de posicionar a escritura como exterior à língua, ela deixa ver esse retorno insistente da escritura como uma assombração que não pára de perseguir a língua a ponto de tornar-se praticamente impossível fazer abstração dela nesse estudo. Dessa forma, mesmo que o desejo declarado desta ciência seja o de estabelecer uma pureza da língua, mantendo-a a salvo dos perigos representados pela escritura como uma ameaça exterior a ela, nunca se conseguiu deixá-la, realmente, do "lado de fora". Assim, a linguística, mesmo que intencionalmente pretenda inscrever-se no campo científico, afirmando o modo clássico de oposições binárias do pensamento metafísico, começa a deixar ver uma contaminação da língua pela escritura impossível de ser refreada. Mais do que isso, Derrida diz mesmo que a linguística, sem assumir tal fato, inauguraria uma

⁵⁹DUQUE-ESTRADA, P.C. *Derrida e a escritura*. p.16.

nova noção de episteme em que a escritura, mais do que representação do pensamento, seria sua própria condição de possibilidade. Se em seu desejo de se ver como ciência, ela promove restrições e exclusões para todos os lados, se a tentativa de excluir a escritura do sistema interno da língua - assim como, mais geralmente, se gostaria de poder excluir, sem perda, a imagem do sistema da realidade - a impossibilidade de se fazer abstração da escritura no estudo da língua acaba mostrando uma certa confusão entre as noções de dentro/fora, presença/representação, realidade/imagem que o campo científico gostaria de poder separar rigorosamente. Este acontecimento interessante que se dá no campo da linguística já nos permite enxergar uma visão ampliada da escritura.

A usurpação da escritura

Derrida desconfia que Saussure dedique tanto espaço à escritura logo na abertura do *Curso* por percebê-la como uma ameaça a seu modelo de linguística centrado na fala. A suposta ligação natural entre fala e sentido garante a pureza do conceito científico da linguagem. As relações naturais com o sentido, aos olhos de Saussure, devem ser preservadas a qualquer custo. É por isso que ele denuncia com argumentos inflamados (que até mesmo soam estranhos como argumentos científicos) e, "com acentos de moralista e de pregador" a contaminação da língua pela escritura: "tudo se passa como se, no momento em que a ciência moderna do *logos* quer aceder à sua autonomia e à sua cientificidade, fosse ainda necessário abrir o processo de uma heresia".⁶⁰ Derrida nos lembra como a escritura já havia sido acusada como empecilho para atar a *episteme* ao *logos* pelo Fedro em Platão: já aí ela apareceria como a intrusão de uma "técnica artificiosa (...) irrupção do fora no dentro, encetando a interioridade da alma, a presença viva da alma a si no verdadeiro *logos*, a assistência que dá a si mesma a fala."⁶¹

Por conta de uma inversão da relação natural entre a fala e a escritura que esta última é acusada de promover na ordem "natural" das coisas é que o linguista suíço vai vê-la como uma espécie de pecado. Como nos aponta Derrida, o pecado foi definido muitas vezes e também por Kant e Malebranche como a inversão das relações naturais entre a alma e o corpo na paixão. Derrida nos lembra que a

⁶⁰DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 42.

⁶¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 42.

escritura sempre foi relacionada ao corpo e à matéria exteriores ao espírito, por isso, ele sugere que o problema relativo à inversão entre a alma e o corpo no pecado é que "derivou-se do problema da escritura a que parece - ao invés - emprestar as metáforas."⁶² Esta denúncia derridiana nos possibilita ver como todas as hierarquizações das oposições binárias do pensamento logocêntrico têm sua fonte no rebaixamento da escritura desde que teve início o “jogo” metafísico.

Meditar sobre esta inversão nos faz enxergar como Saussure se inscreve no “jogo” metafísico. A ligação natural entre som e sentido evocada por pressupostos histórico-metafísicos seria alterada, pervertida, por essa espécie de pecado original da escritura: "A imagem gráfica acaba por se impor à custa do som... e inverte-se a relação natural".⁶³ O medo de Saussure é que a imagem gráfica possa se impor ao som por nos impressionar como um objeto mais permanente e sólido para constituir a unidade da língua através dos tempos, fazendo-nos esquecer da suposta ligação natural entre o som e o sentido, isto é, apagando a natureza que liga o “pensamento-som”. A imagem, a escritura, mistura-se tão intimamente com o que deveria apenas representar de fora, isto é, com a fala, que acaba por usurpar-lhe o papel principal:

O que é insuportável e fascinante, é exatamente esta intimidade enredando a imagem à coisa, a grafia à fonia, de tal forma que, por um efeito de espelho, de inversão e de perversão, a fala parece, por sua vez, o *speculum* da escritura que 'usurpa, assim, o papel principal'. A representação ata-se ao que representa, de modo que se fala como se escreve, pensa-se como se o representado não fosse mais que a sombra ou o reflexo do representante. Promiscuidade perigosa, nefasta cumplicidade entre o reflexo e o refletido que se deixa seduzir de modo narcisista. Neste jogo de representação, o ponto de origem torna-se inalcançável. Há coisas, águas e imagens, uma remessa infinita de uns aos outros mas sem nascente. Não há mais uma origem simples.⁶⁴

Se para Saussure esta usurpação aparece como um problema que deve ser evitado a todo custo no intuito de manter a pureza da língua, para Derrida, ela aparece como a realidade mais íntima da linguagem, isto é, a desconstrução da visão tradicional da escritura não pretende inocentá-la dessa usurpação. Isto consistiria apenas em inverter a oposição entre fala e escritura, mantendo a lógica do pensamento logocêntrico. O deslocamento aqui se dá no reconhecimento de

⁶² DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 42

⁶³ SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. p. 35

⁶⁴ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.44

que nunca existiu uma linguagem pura, inocente. Esta usurpação, esta violência do esquecimento de uma origem simples, que o jogo da representação traz à tona não diz respeito apenas à escritura fonética como gostaria Saussure, mas mostra a “realidade” da linguagem como um todo. Mostra exatamente a não-presença de um significado que garanta a origem e a ordem natural da derivação. O reconhecimento da impossibilidade de se alcançar uma origem simples, mostra, na verdade, a ausência de um significado e a condenação a um “jogo” de remetimento sem fim de significante a significante.

A violência do esquecimento de uma origem simples que a escritura carrega introduz a imagem nos direitos da realidade, operando uma perversão que faz com que o significado apareça como sombra do significante. Saussure diz: “acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural”⁶⁵.

Mas a interessante proposição de Derrida, que já podemos entender por tudo que tivemos a oportunidade de ver, é que, esta escritura dita fonética, a qual o *Curso* de Saussure pretende se restringir e que é colocada pelo pensamento logocêntrico como o *telos* de toda escritura, na verdade, nunca existiu como se gostaria, pois “nunca nenhuma prática é puramente fiel a seu princípio”⁶⁶. O privilégio de uma escritura dita fonética na história do pensamento ocidental deixa-se, então, aparecer como o desejo por uma plenitude, por um significado transcendental que pudesse garantir a verdade de todo pensamento. Ela seria o modelo ideal de escritura para uma fala que se pretende plena. Mas fragilizando esse ideal de plenitude, Derrida nos fala da pontuação, ou do espaçamento em geral a que toda escritura está submetida como indícios da impossibilidade de uma escritura realmente fonética:

o simbolismo vazio da notação escrita – na técnica matemática por exemplo – é (...) o que nos exila para longe da evidência clara do sentido, isto é, da presença plena do significado na sua verdade, abrindo assim a possibilidade da crise. Esta é verdadeiramente uma crise do *logos*.⁶⁷

Como já dissemos, essa impossibilidade de uma escritura plenamente fonética pode ser percebida, no *Curso* de Saussure, nas dificuldades do linguista

⁶⁵SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. p. 35.

⁶⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 48.

⁶⁷DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.49.

em estabelecer um sistema fechado para a língua. Mesmo restringindo o estudo da escritura, em sua ciência, apenas à escritura fonética, que já teria por princípio ser exterior ao sistema da língua, o linguista não consegue conter seu transbordamento. Todas as restrições operadas por ele no intuito de ver garantida a pureza da língua, segundo Derrida, acabam desembocando em ambiguidades que ao invés de esclarecerem e justificarem a exterioridade da escritura, nos fazem ver que a "usurpação" de que ela é acusada de promover, o fato dela substituir o lugar de sua própria origem, daquilo que não apenas deveria tê-la criado mas ser criado por si mesmo, começa a aparecer não como um acidente exterior, mas como uma possibilidade de essência da linguagem em geral, nesse sentido, a própria fala seria uma espécie de escritura.

Assumir o *espaçamento* a que toda escritura - e por isso, também a fala - está submetida é colocar em pauta a crise do *logos*, o abalo da metafísica da presença do sentido, é desconstruir a teleologia da escritura fonética. Mesmo que essa teleologia venha responder à necessidade por qual clama todo projeto científico, ela se mostra completamente frágil com todas as ambiguidades que decorrem dela. A liberação de uma visão radical de escritura coloca em questão, justamente, a possibilidade de um projeto científico.

A liberação da escritura: arqui-escritura, rastro, différance.

Para vislumbrar o conceito alargado de escritura que acaba por deslocar o fundamento de todas as oposições binárias é preciso admitir que nunca tenha havido uma linguagem natural que tenha sido desvirtuada a *posteriori* pela escritura, por isso, num primeiro momento de sua obra, Derrida usa o termo *arquiescritura* para diferenciar seu quase-conceito de escritura do conceito tradicional. O conceito vulgar de escritura

só pôde, historicamente, impor-se pela dissimulação da arquiescritura, pelo desejo de uma fala expelindo seu outro e seu duplo trabalhando para reduzir sua diferença. Se persistimos nomeando escritura essa diferença, é porque no trabalho de repressão histórica, a escritura era, situacionalmente, destinada a significar o mais temível da diferença. Ela era aquilo que, mais de perto, ameaçava o desejo da fala viva, daquilo que do dentro e desde seu começo, encetava-a. E a diferença, nós o experimentaremos progressivamente, não é pensada sem o *rastro*.⁶⁸

⁶⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 69.

Como vimos rapidamente, a teoria saussuriana do caráter diferencial do signo lingüístico nos diz que todo signo só adquire sentido através de sua diferença em relação a outros signos. Como nos explica Bradley: “se um signo tem sentido, não é porque ele possui um conteúdo ou uma substância nele mesmo, mas porque ele difere – tanto fônica quanto conceitualmente – de outros signos dentro do sistema lingüístico.”⁶⁹ Isto é, se o signo só obtém sua identidade a partir das diferenças em relação a outros signos do sistema, todo signo é marcado pelo que ele não é. E, assim, ele precisa reter os rastros dos outros signos, contra os quais é definido, para adquirir sentido. Essa visão nos embaralha completamente a idéia da estrutura dualista e idealista do signo logocêntrico, onde um significante dado remete a um significado pré-existente. Nas palavras de Duque- Estrada:

Enquanto unidade de significação, o significante atua em função do ‘lugar’ que ele ocupa numa cadeia de significantes na construção de uma frase ou, de um modo mais amplo, no interior do sistema lingüístico do qual ele faz parte. Fora da frase, fora do sistema lingüístico a que pertence, um significante resta de todo indeterminado, não aponta para significado algum. O que vale dizer que, dentro da frase, no interior de seu sistema lingüístico, um significante só existe ou só desempenha a sua função enquanto tal em virtude das diferenças com os outros significantes da frase ou do próprio sistema lingüístico a que pertence. Deste modo, se não há significado em si, também não há significante em si, já que este último só é o que é em função de um *sistema de diferenças*.⁷⁰

É por isso que Derrida enxerga a maior característica da escritura no pensamento logocêntrico - mero *significante do significante* - como aquilo que oferece uma melhor visão para o estado diferencial da linguagem em geral, pois todo significante deve ser descrito como *significante do significante*, já que todo signo trabalha referindo-se a outro signo dentro do sistema, mais do que a um conteúdo positivo dele próprio. E é dessa forma que se dá a positivação de uma posição inferior da escritura no sistema metafísico, pois essa posição inferior, derivada, descreve a condição da linguagem como um todo, sendo possível, assim, enxergar o alargamento do conceito de escritura, e reconhecer a própria linguagem como uma espécie de escritura. Esta *arquiescritura* reprimida pelo ideal da escritura fonética assume esse sistema de diferenças que o privilégio da fala no pensamento ocidental tenta apagar.

Percebemos, então, como a liberação da escritura proposta por Derrida

⁶⁹BRADLEY, A. *Derrida's of Grammatology*. p. 66.

⁷⁰DUQUE-ESTRADA, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 19.

não se dá a partir de uma nova definição e, sim, a partir da positivação das mesmas características que sempre foram atribuídas a ela pela tradição metafísica: "A escritura é reafirmada com base no que ela sempre foi, ou seja, *significante do significante*, mas a diferença é que há nisso uma positividade, antes não reconhecida ou mesmo reprimida, e que começa agora a se mostrar."⁷¹ Nas palavras de Derrida: " 'significante do significante' deixa de definir a reduplicação acidental e a secundariedade decaída"⁷² Pois se o significado foi, de certa forma, abolido, tudo o que temos agora é um remetimento de significante a significante sem que ele se estanque num significado. Ainda segundo Duque-Estrada, esse remetimento infinito que Derrida chama de "jogo" e que é indissociável da ideia da "ausência do significado", nos permite situar o novo "cenário" que se configura a partir da liberação da escritura, de uma *arquiescritura*. Se a lingüística de Saussure já abala as estruturas do edifício metafísico, a sua leitura derridiana radicaliza esse abalo, revelando uma qualidade de mediação e diferença no coração da suposta "presença" metafísica:

O jogo das diferenças supõe, de fato, sínteses e remessas que impedem que, em algum momento, em algum sentido, um elemento simples esteja *presente* em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Seja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada "elemento" – fonema ou grafema – constitua-se a partir do rastro, que existe nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema. Esse encadeamento, esse tecido, é o *texto* que não se produz a não ser na transformação de um outro texto. Nada, nem nos elementos nem no sistema, está, jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou simplesmente ausente. Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros de rastros.⁷³

A partir da percepção desse movimento infinito de significante a significante, a partir do reconhecimento de Saussure de que todo significante traz em si o *rastro* do outro e é só assim que ele adquire sentido, Derrida, então, vai propor o termo *rastro* para substituir o termo *signo* e sua inerente repartição ideal entre significante e significado. Apesar de todas as inovações de Saussure, continuar usando o termo signo não permite que se saia da clausura metafísica, pois, como já dissemos, ele não pode ser entendido fora desta distinção entre o

⁷¹DUQUE-ESTRADA, P. C. *Derrida e a escritura*. p. 18.

⁷²DERRIDA *apud* DUQUE-ESTRADA, *Derrida e a escritura*. p.18.

⁷³DERRIDA, J. *Posições*. p. 32.

sensível e o inteligível e, por isso, não nos permite pensar para além da lógica opositiva hierarquizante. Já o termo *rastro* nos faz pensar de outra forma. Uma forma que condiciona o pensamento a uma relação com a alteridade, desestabilizando completamente a lógica metafísica do “mesmo”, pois mostra como a identidade de todo termo “presente” depende do *rastro* de outros termos que nunca estão simplesmente presentes:

Não se pode pensar o rastro instituído sem pensar a retenção da diferença numa estrutura de remessa onde a diferença aparece como tal e permite dessa forma uma certa liberdade de variação entre os termos plenos. A ausência de um outro aqui-agora, de um outro presente transcendental, de uma outra origem do mundo manifestando-se como tal, apresentando-se como ausência irreduzível na presença do rastro, não é uma fórmula metafísica substituída por um conceito científico da escritura. Esta fórmula, mais que a contestação da metafísica, descreve a estrutura implicada pelo “arbitrário do signo”, desde que se pense a sua possibilidade aquém da oposição derivada entre natureza e convenção, símbolo e signo, etc. Estas oposições somente têm sentido a partir da possibilidade do rastro. A “imotivação” do signo requer uma síntese em que o totalmente outro anuncia-se como tal – sem nenhuma simplicidade, nenhuma identidade, nenhuma semelhança ou continuidade – no que não é ele. Anuncia-se como tal... o rastro, onde se imprime a relação ao outro, articula sua possibilidade sobre todo o campo do ente, que a metafísica determinou como ente-presente a partir do movimento escondido do rastro. É preciso pensar o rastro antes do ente. Mas o movimento do rastro é necessariamente ocultado, produz-se como ocultação de si. Quando o outro anuncia-se como tal, apresenta-se como dissimulação de si.⁷⁴

Derrida chama o *rastro*, num primeiro momento de Gramatologia, de *rastro instituído* para marcar seu caráter convencional, imotivado, em oposição a uma suposta e desejada naturalidade da significação e do pensamento. Mas, logo em seguida, ele deixa de usar o termo *rastro instituído* pois afirma que o rastro não é imotivado e, sim, “indefinidamente, seu próprio vir-a-ser imotivado. (...) É aquilo a partir do qual um vir-a-ser-imotivado do signo é possível...”⁷⁵ e por isso não pode ser pensado em termos de natureza.

É importante marcar como o *rastro* derridiano foge de um conceito clássico de rastro, que o faria derivar de uma presença. É por isso que também, de início, Derrida, refere-se ao *rastro* como um *arqui-rastro*, assim como faz com a *arquiescritura*. Este valor de arquia, de origem, marcado aqui é preciso ser entendido. Ele ilustra muito bem o gesto da escrita sob rasura, típico do pensamento da desconstrução, que nos lembra a necessidade de se passar pelos

⁷⁴DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 57.

⁷⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 58

conceitos clássicos no movimento de seu deslocamento.

A escrita sob rasura é em grande parte herdada de Heidegger por Derrida e pode ser vista como o estilo mesmo do pensamento derridiano, que enxerga dentro do próprio texto os recursos para sua desconstrução, que indica o caráter frágil e provisório de todo discurso ao reconhecer que todo texto abala a “própria” filosofia que afirma. Ela marca um cuidado indispensável, como uma demora sobre um tema ao propor sua transgressão, pois se abre-se mão desta atenção pode-se gerar, ao contrário, um movimento de regressão. É assim que Derrida vê o gesto de Heidegger no percurso da rasura do ser. Se num primeiro momento é fundamental enxergar um aspecto ontológico do pensamento do filósofo alemão, é para, logo em seguida, poder colocar essa noção em xeque, já que o próprio Derrida nos lembra que para Heidegger o ser não é “um significado primeiro e irreduzível” e que ele ainda está “enraizado num sistema de línguas e numa ‘significância’ histórica determinada embora estranhamente privilegiada como virtude de desvelamento e de dissimulação”⁷⁶. Se em algum momento Heidegger parece compactuar com o *fonologocentrismo* que denunciemos no capítulo anterior, ele mesmo interroga e abala o sentido do ser como significado transcendental, anunciando, ao contrário, seu sentido inaudito, tanto que passa a escrever a palavra “ser” sob rasura, isto é, riscada por uma cruz, que não é simplesmente negativa, mas que ilustra o gesto que acabamos de descrever: riscando um conceito, mas, ao mesmo tempo, deixando-o legível, sendo possível, assim, reconhecer seus rastros ao marcar um percurso necessário no caminho para seu deslocamento.

Na verdade, a escrita sob rasura mostra a impossibilidade de se criar um vocabulário totalmente novo que já não fosse marcado pela história da metafísica. A simples substituição de um termo clássico por um novo não garante o deslocamento do pensamento. A desconstrução vê a necessidade de trabalhar com o próprio vocabulário metafísico pra levá-lo adiante, vê a necessidade de um movimento que, ao rasurar os conceitos transcendentais, mostra, ao mesmo tempo, que é preciso passar por eles. Por exemplo: o conceito de rastro derridiano não deve ser entendido como o rastro de uma presença anterior, ele diria respeito, na verdade, a um *arquiraastro*, isto é, a um rastro na origem, um rastro do rastro.

⁷⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 28.

Por isso, por um lado, ele faz sentir a necessidade de um valor transcendental de arquia ao mesmo tempo que ele rasura este valor, pois um rastro como origem problematiza o próprio conceito de origem:

o rastro não é somente a desapareção da origem, ele quer dizer aqui – no discurso que proferimos e segundo o percurso que seguimos – que a origem não desapareceu sequer, que ela jamais foi retroconstituída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem.⁷⁷

Desta forma, podemos perceber como o rastro derridiano não é o rastro de uma presença anterior, ou um “signo de” como determina o logocentrismo. Se a princípio, o filósofo fala de um *arqui-rastro*, logo depois, afirma que “este conceito destrói seu nome e que, se tudo começa pelo rastro acima de tudo não há rastro originário.”⁷⁸ Por isso, passa a utilizar apenas o termo *rastro*.

O *rastro* derridiano mostra, então, como o processo de significação não tem uma origem simples, ele começou desde sempre. O remetimento sem fim de um termo a outro numa cadeia de significação, é anterior a qualquer identidade: “sem um rastro retendo o outro como outro no mesmo, nenhuma diferença faria sua obra e nenhum sentido apareceria”⁷⁹. Dessa forma, todo processo de significação só pode ser pensado a partir desse movimento em que a diferença anuncia-se como tal na ocultação do *rastro*, na dissimulação de si. Na explicação de Duque-Estrada:

Já não se pode pensar aqui em um sistema de diferenças entre coisas diferentes que, antes de serem confrontadas, já existiam em si mesmas, como coisas presentes a si mesmas. O que é primeiro não são as coisas em si (significantes ou significados em si), mas sim uma diferencialidade, um sistema de diferenças (...) Toda presença mostrar-se-á, sempre, como um efeito do diferenciamento ou, mais precisamente, da *différance*.⁸⁰

Por isso, não se pode pensar numa natureza ou numa essência do rastro, pois ele não existe: “o que quer que possamos reconhecer como sendo o seu ‘em si mesmo’ não é outra coisa senão o efeito ou a resultante de um sistema de diferenças”⁸¹. Este movimento “puro” do rastro (puro porque ele é anterior a

⁷⁷DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 75.

⁷⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 75.

⁷⁹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 76.

⁸⁰DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 19.

⁸¹DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 25.

qualquer determinação de conteúdo), o movimento que produz a diferença e que, assim, possibilita toda significação, Derrida chama de *différance*:

Ela não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. É, ao contrário, a condição destas. Embora não exista, embora não seja nunca um ente-presente fora de toda plenitude, sua possibilidade é anterior, de direito, a tudo que se denomina signo (significado/significante, conteúdo/expressão, etc.), conceito ou operação, motriz ou sensível. Esta diferença⁸², portanto, não é mais sensível que inteligível, e ela permite a articulação dos signos entre si no interior de uma mesma ordem abstrata – de um texto fônico ou gráfico por exemplo – ou entre duas ordens de expressão. Ela permite a articulação da fala e da escritura – no sentido corrente – assim como ela funda a oposição metafísica entre o sensível e o inteligível, em seguida entre significante e significado, expressão e conteúdo etc. Se a língua já não fosse, neste sentido, uma escritura, nenhuma ‘notação’ derivada seria possível; e o problema clássico das relações entre fala e escritura não poderiam surgir.⁸³

A palavra *différance* foi cunhada por Derrida e se refere ao movimento do rastro. Esta palavra modificada da língua francesa pela grafia do “a” ao invés do “e” traz em si dois sentidos diferentes e, seguiremos aqui a explicação de Bradley: por um lado, ela se refere a um movimento de diferenciação e, por outro, a um movimento de deferimento, adiamento. Isto é, por um lado, como já vimos, a *différance* diz respeito a uma espacialidade em que a “identidade” de cada termo depende de outros termos ao seu redor num sistema. E, por outro, ela diz respeito a uma temporalidade, ao modo como cada termo é deferido, adiado no tempo, pois sua “identidade” depende de termos que existem tanto antes como depois dele no sistema lingüístico.

Dessa forma, a estrutura do rastro é uma estrutura desestruturante, que desordena toda estrutura e que, como nos explica Haddock-Lobo, é uma “estrutura” que impede que se rastreie a origem ou que a pense em termos de natureza, ou em termos ontológicos, teológicos, epistemológicos ou mesmo lógicos. Assim a “lógica” do rastro desconstrói a lógica da lógica, ou do *logos*, forçando-nos a pensar de uma maneira outra:

o rastro é verdadeiramente a origem do sentido em geral. O que vem a afirmar mais uma vez, que não há origem absoluta do sentido em geral. O rastro é a diferença que abre o aparecer e a significação. (...) origem de toda repetição,

⁸²Os tradutores de gramatologia optaram por traduzir o termo *différance* por diferença, mas por não acreditarmos que esta tradução faça jus a todos os sentidos da palavra cunhada por Derrida, optamos por manter o termo derridiano não traduzido.

⁸³DERRIDA, J. *Gramatologia*, p.77.

origem da idealidade, ele não é mais ideal que real, não mais inteligível que sensível, não mais uma significação transparente que uma energia opaca e nenhum conceito metafísico pode descrevê-lo.⁸⁴

A brisura

A capacidade de articulação do rastro é tratada no último tópico do segundo capítulo de *Gramatologia* nomeado "a brisura". Esta palavra se refere à palavra francesa *brisure* e, de acordo com os tradutores brasileiros de *Gramatologia*, por não haver na língua portuguesa uma palavra que designe a mesma coisa, optou-se por seu aportuguesamento. Na epígrafe deste tópico Derrida cita uma carta de Roger Laporte em que este fala de um desejo em encontrar uma palavra para designar ao mesmo tempo a diferença e a articulação e que folheando, ao acaso, um dicionário ele se deparou com a palavra *brisure* - "parte fragmentada, quebrada. Cf. brecha, fratura, fenda, fragmento. - Articulação por charneira de duas partes de uma obra de carpintaria, de serraria. A rotura de uma veneziana. Cf. Junta."⁸⁵

E é pela forma de articulação da brisura que se pode entender a escritura derridiana como assunção da fenda, do corte, do espaçamento em sua tecitura. A lógica do rastro que se inscreve nesse tecido mostra a possibilidade mesma de articulação entre o sensível e a idealidade, entre o vivo e o não vivo, entre o mundo e o vivido, enfim, ela não é apenas a condição de possibilidade de toda oposição como também é o que torna possível pensar para além das oposições binárias, é o que torna possível sair de sua lógica excludente e hierarquizante, trazendo para o texto uma "lógica" mais complexa que assume as brechas através das quais todo pensamento se constitui. A brisura nos permite dizer que o pensamento de Derrida parece querer situar-se num "lugar" *entre*, indecível, isto é, num não-lugar da "própria" diferença. Quando se assume a brisura constituinte de todo pensamento não se trata mais de decidir entre um termo ou outro numa lógica dualista. A brisura é, ao mesmo tempo, dentro *e* fora, ausência *e* presença e nunca um *ou* outro.

⁸⁴DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 79-80.

⁸⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 80.

Se para Derrida, todo pensamento é construído, ele também é frágil e passível de ser desconstruído, mais do que isso, ele traz em si a necessidade de sua própria desconstrução, portanto, a ideia de que um texto possa ser totalmente pleno e coeso é uma ilusão que essa escritura do rastro vem desfazer, colocando em evidência uma certa falta de fundamentos constituinte de todo pensamento, de todo texto. Mais do que isso, ela mostra mesmo que essas brechas e esse espaçamento são a condição de possibilidade de qualquer significação, que toda constituição de sentido é baseada em um certo não-saber, em uma certa cegueira que fazem parte do texto. Nas palavras de Derrida:

A significação, assim, não se forma senão no oco da diferença: da descontinuidade e da discricção, do raptio e da reserva do que não aparece. Esta brisura da linguagem como escritura, esta descontinuidade pôde, num momento dado, na linguística, ir de encontro a um precioso preconceito continuísta.⁸⁶

Dessa forma, podemos perceber como, para Derrida, nenhum texto pode se colocar como o lugar de uma verdade universal, já que seu sentido se estrutura, necessariamente, através de uma brisura, pela "lógica do rastro". Do mesmo modo que ele se dá a ler, ele também barra a leitura, chamando para que se entre em sua trama e, ao mesmo tempo, privando o acesso a ela. Nesse sentido, toda leitura mostra-se como uma tarefa infinita que não pode parar de se inscrever. Suas brechas condenam toda leitura a uma invenção sem a qual não há formação de sentido. A escritura derridiana nos obriga, então, a manter uma postura lúcida diante de todo texto, nos coloca numa posição inquietante em que é impossível decidir por um sentido que não seja provisório. Ela nos reserva a tarefa impossível de uma leitura - e, portanto, de uma escritura - infinita que está inscrita nesta aporia de toda significação.

A brisura nomeia, então, esta indecidível presença-ausência que se inscreve na ideia de rastro derridiana. Este novo "conceito" de escritura, formado pelo tecido do rastro, permite articular a diferença entre espaço e tempo, fazendo-a aparecer na unidade de uma experiência. Segundo Derrida, a impossibilidade de se alcançar a evidência de uma presença originária nos remete a um passado absoluto que autoriza denominar *rastro* "o que não se deixa resumir na

⁸⁶ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 85.

simplicidade de um presente"⁸⁷. Há uma passividade essencial ao rastro que diz respeito à relação a esse passado absoluto, mas que não pode ser reduzida apenas a isso. A temporalidade do rastro aponta também para um futuro que nunca se presentifica:

na síntese indecomponível da temporalização, a protensão é tão indispensável quanto a retensão. E suas duas dimensões não se acrescentam mas se implicam uma e outra de um estranho modo. O que se antecipa na protensão não desune o presente de sua identidade a si menos do que o faz o que se retém no rastro⁸⁸.

A temporalidade do rastro é complexa e nos faz colocar sob rasura os conceitos clássicos de passado, presente e futuro, pois o passado sempre significou um presente-passado e o futuro um presente que vai chegar. Mas o passado absoluto que se lê no rastro, nos remete a um "desde-sempre-lá" e o futuro absoluto a um eterno devir e, desse modo, essas noções deslocam, portanto, uma relação à presença que define o conceito metafísico de tempo em geral e também o de história. A estrutura do rastro não pode ser pensada sob essa temporalidade e historicidade metafísicas:

não se trata de complicar a estrutura do tempo, conservando-lhe a sua homogeneidade e sucessividade fundamentais, mostrando, por exemplo, que o presente passado e o presente futuro constituem originariamente, dividindo-a, a forma do presente vivo.⁸⁹

Este conceito de tempo nos remeteria a uma linearidade e a uma objetividade que a noção de escritura desenvolvida aqui vem justamente abalar. A temporalidade complexa do rastro não se prestaria a uma fenomenologia da consciência ou da presença. A arqui-escritura marca um *tempo morto* que age no texto e que diz respeito a uma inconsciência fundamental da linguagem e ao *espaçamento* do qual falávamos acima: a pausa, o branco, a pontuação, o intervalo em geral que marcam no texto o não-percebido, o não-presente, o não-consciente. Como podemos perceber, este *espaçamento* de que fala Derrida não se refere apenas à noção de espaço, mas mostra-se como articulação do espaço e do tempo: "o vir-a-ser-espaço do tempo e o vir-a-ser-tempo do espaço"⁹⁰ e mostra a

⁸⁷ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 81

⁸⁸ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 81

⁸⁹ DERRIDA, J. *Gramatologia* p. 82

⁹⁰ DERRIDA, J. *Gramatologia* p. 83

impossibilidade de uma fenomenologia da escritura: "como uma fenomenologia do signo em geral, uma fenomenologia da escritura é impossível. Nenhuma intuição pode se dar lá onde "os 'brancos' na verdade assumem a importância"⁹¹

Nesse mesmo sentido, o espaçamento como escritura é também o vir-a-ser-ausente e o vir-a-ser-inconsciente do sujeito. Derrida diz que a *arquiescritura* nunca poderá ser entendida sob a categoria do sujeito, pois ela desconstrói justamente a "identidade do próprio na presença da relação a si."⁹² O devir, ou a deriva, da escritura não permite a possibilidade de escolha de um sujeito que se deixasse arrebatar por ela, muito pelo contrário, este devir é anterior ao sujeito, ele é a própria constituição da subjetividade e, por isso, pode ser visto como a relação do sujeito à sua morte. Portanto, todo grafema é por essência testamentário e a ausência que é assumida pela escritura não é apenas a ausência do sujeito, mas também da coisa e do referente.

O fonocentrismo metafísico que, como já vimos, Derrida acusa como 'limitador' da escritura, é a exigência da linearidade e do continuísmo que indicamos acima. Uma vez que se renuncia a esse preconceito linearista e continuísta, renuncia-se também a uma distinção radical entre fala e escritura. O que não quer dizer renunciar a uma fonologia, mas à ideia de uma fala contínua, plena, que não seja marcada pelos mesmos acidentes, pelo mesmo *espaçamento* da escritura. Enfim, abrir mão desse preconceito seria reconhecer também a fala como escritura, já que ela também se constitui na trama do *rastro*.

Propondo-se a justificar a escolha da palavra *rastro* no final do segundo capítulo de *Gramatologia*, Derrida pergunta-se do porque do *rastro*. E por tudo o que vimos até agora sobre a escritura derridiana podemos entender que a argumentação de Derrida diz que a natureza dessa resposta e dessa pergunta deve se deslocar constantemente, pois

se as palavras e os conceitos só adquirem sentido nos encadeamentos de diferenças, não se pode justificar sua linguagem, e a escolha dos termos, senão no interior de uma tópica e de uma estratégia histórica. Portanto, a justificação não pode jamais ser absoluta e definitiva. Ela responde a um estado das forças e traduz um cálculo histórico.⁹³

⁹¹ DERRIDA, J. *Gramatologia* p.84

⁹² DERRIDA, J. *Gramatologia* p.84

⁹³ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.86.

Então, esta escolha faz referência a um certo número de discursos da época com os quais Derrida conta. Não que ele concorde plenamente com o sentido que esta palavra toma nesses discursos, mas é claro que se estabelece algum tipo de relação com eles. Ele diz aproximar o seu "conceito" de *rastro* ao dos últimos escritos de Lévinas em sua crítica da ontologia, isto é, "relação à illidade como à alteridade de um passado que nunca foi e que não pode nunca ser vivido na forma, originária ou modificada, da presença."⁹⁴ Contudo, de forma diferente de Lévinas e de acordo com uma certa postura heideggeriana, mas para além do discurso deste último, a noção derridiana de *rastro* se coloca como o abalo de uma ontologia que "determinou o sentido do ser como presença e o sentido da linguagem como continuidade plena da fala."⁹⁵ Derrida diz mesmo que a intenção de *Gramatologia* seria problematizar, tornar enigmático, aquilo que acreditamos entender por proximidade, imediatez e presença. E, além disso, ele prossegue explicando que essa desconstrução da presença é também uma desconstrução da consciência através da noção de *rastro* tal qual aparece nos discursos nietzschianos e freudianos.

Assim, de acordo com tudo o que dissemos até então, o *rastro* derridiano é anterior a toda oposição e pertence ao próprio movimento da significação, por isso, é preciso reconhecer que toda significação está *a priori* escrita, mesmo que ela não esteja inscrita num elemento sensível e espacial dito exterior. O *grama*, o *rastro*, é a abertura da primeira exterioridade em geral, enigmática relação de um dentro com um fora, isto é, o *espaçamento*. E sua estrutura *indecidível*, sua presença-ausência, traz em si o problema da letra e do espírito, do corpo e da alma, de todas as oposições que tratamos aqui, abalando não só a estrutura dualista do pensamento, como também tudo aquilo que na história da metafísica caminhou na direção da redução do *rastro*. "Que o logos seja primeiramente impressão e que esta impressão seja o recurso escritural da linguagem, isto significa, certamente, que o logos não é uma atividade criadora, o elemento contínuo e pleno da fala divina, etc."⁹⁶ Esta citação de Derrida mostra em que sentido a desconstrução da metafísica caminha na direção de uma desconstrução do *logos* como sublimação do *rastro*, como subordinação do *rastro* à presença

⁹⁴ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 86.

⁹⁵ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 86.

⁹⁶ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 83.

plena resumida em si. E é nesse sentido que o *logos* é teológico, assim como todas as teologias infinitistas são logocentrismos, com o ser infinito reduzindo a diferença na presença.

A impossibilidade de uma fala plena marcada pela brisura reflete a impossibilidade da unidade do signo. De acordo com a lógica do rastro é impossível que um significante e um significado produzam uma unidade na plenitude de um presente e de uma presença absoluta. Por isso, a escritura, como a brisura na linguagem, é a própria problematização da questão da verdade e do sentido. Se a origem do sentido é uma diferença como poderia haver sentido pleno? A desconstrução do conceito metafísico de signo, na qual se assume a dissimetria irreduzível entre o significante e o significado, deixa ver como não só todo significante é frágil, mas também como todo significado está desde sempre na posição de significante. Ou melhor, para usar os termos derridianos, tanto o significante quanto o significado estariam na posição de *rastros*, apontando para a falta de uma origem simples e para a impossibilidade de um fechamento de sentido, de uma conclusão. Mesmo que Saussure já tenha abalado a totalidade do signo mostrando a irreduzível dependência do significado e do significante e, além disso, mostrando como todo significante é constituído a partir de diferenças (apontando já a ideia de rastro apenas para o significante), ele livra o significado dessa cadeia de remetimentos sem fim, mantendo seu privilégio e prometendo a totalidade do sentido na unidade da dupla face do signo. Em outras palavras, o significado ainda é visto como "um sentido pensável em princípio na presença plena de uma consciência intuitiva."⁹⁷ Em oposição a esta visão, enxergando a impossibilidade da totalidade do signo, Derrida propõe o termo rastro para indicar tanto o significante como o significado, ou melhor, nesse sentido, ele não vê a diferença entre esses dois termos. E, assim, a constituição de um sentido pleno só poderia se projetar numa promessa que nunca se realiza. O próprio do signo como rastro seria apontar infinitamente para um outro.

⁹⁷ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 89.

3

Uma ciência da escritura?

Resta-nos tentar entender o que pensa Derrida quando propõe a meditação sobre uma *gramatologia*, isto é, o que ele está procurando discutir com a abertura da possibilidade de uma ciência daquilo mesmo que abala a própria noção de ciência. Se a escritura do *rastros* problematiza a objetividade de todo projeto científico, de que forma devemos encarar o empreendimento gramatológico proposto pelo filósofo franco-magrebino?

Em que condições uma gramatologia é possível? Sua condição fundamental é, certamente, a solicitação do logocentrismo. Mas esta condição de possibilidade transforma-se em condição de impossibilidade. Com efeito, ela corre o risco de abalar também o conceito da ciência. A grafemática ou a gramatografia deveriam deixar de apresentar-se como ciências; a sua mira deveria ser exorbitante com respeito a um saber gramato-lógico.⁹⁸

Sem dúvida, neste ponto do percurso, já podemos vislumbrar de que modo o projeto derridiano de uma gramatologia constitui-se como um projeto abandonado desde seu início, pois colocando em cena a “lógica” do *rastros*, este projeto vem muito mais expor os brancos, as falhas, as contradições e as ambiguidades em que todo pensamento está baseado do que provar, seguindo uma 'lógica logocêntrica', respostas obtidas de questões sobre a origem ou a essência da escritura. O próprio nome *gramatologia*, pensado por uma ótica derridiana, traz em si uma aporia que desloca a pretensão de toda ciência positiva: se de pronto, presos ao costume do pensamento logocêntrico, entendemos esse termo como uma ciência da escritura, se nos demoramos mais sobre ele, percebemos como já anuncia a reflexão sobre a relação entre fala e escritura que Derrida problematiza no pensamento ocidental. *Gramatologia* nos diz sobre uma 'fala da escritura', isto é, enquanto o *grama* representa a escritura, o *rastros*, aquilo justamente que não se deixa apropriar, o *logos* da *logia* aponta para uma suposta fala plena, para o desejo de apropriação, para um movimento de reunião e fechamento do pensamento. E é sobre essa aporia, ou melhor, sobre uma lógica aporética de forma geral, que o

⁹⁸ DERRIDA, j. *Gramatologia*. p. 91.

pensamento da escritura derridiana parece querer se inscrever. É neste sentido que uma gramatologia pode ser entendida como o próprio pensamento da desconstrução que assume, por um lado, o desejo por uma fala plena e, que ao mesmo tempo, reconhece esta impossibilidade e a irrefreável disseminação do sentido, expondo, assim, uma estrutura de impossibilidade como condição de possibilidade de todo pensamento. A desconstrução, portanto, refletindo o movimento aporético gramato-lógico, opera por um duplo jogo de leitura e rasura dos conceitos tradicionais.

É importante aqui fazer uma observação quanto à tradução brasileira do título deste ensaio. O título do ensaio em francês é "De la grammatologie" que traduzido literalmente para o português seria "da gramatologia", este "da" que antecederia gramatologia nos indica que o ensaio seja sobre gramatologia e não diretamente uma ciência da escritura. Acreditamos que o que se inscreve nesta dissertação não se afasta dessa perspectiva, mas é importante marcar esta observação sobre a escolha da tradução brasileira, até mesmo porque, sobre o título em francês, o próprio Derrida, numa das entrevistas em *Posições*, sugere que seria preciso ouvir nele um ponto de interrogação silencioso:

A Gramatologia é o título de uma questão: sobre a necessidade de uma ciência da escrita, sobre suas condições de possibilidade, sobre o trabalho crítico que deveria abrir seu campo e levantar os obstáculos epistemológicos; mas uma questão também sobre os limites dessa ciência.⁹⁹

Tivemos a chance de ver, nos capítulos anteriores, de que forma se desdobra a desconstrução do conceito tradicional de signo e de linguagem que liberam uma visão ampliada e radical de escritura que torna-se, mesmo, a própria condição da fala, da episteme e, por isso, também da ciência. Como não deve ser difícil entender neste ponto da dissertação, o projeto gramatológico derridiano caminha numa direção diferente de todas as ciências da escritura que foram empreendidas pelo ocidente. Justamente porque não parte de uma superioridade da fala em relação a escritura, este projeto (im)possível é assumido como a própria (im)possibilidade do pensamento.

Mas sem levar em conta a visão derridiana de escritura, considerando seu conceito tradicional em que é tida como mera subespécie da fala, e de acordo,

⁹⁹DERRIDA, J. *Posições*. p. 19

também, com as normas tradicionais da cientificidade, todas as tentativas de se empreender uma ciência da escritura pelo ocidente sempre se guiaram pelo que Derrida chama de questões de origem: onde e quando começa a escritura? "Onde" e "quando" abrem questões empíricas:

quais são os lugares e os momentos determinados dos primeiros fenômenos de escritura, na história e no mundo? A estas questões devem responder o levantamento e a pesquisa dos fatos: história no sentido corrente, a que foi praticada até hoje por quase todos os arqueólogos, epigrafistas e pré-historiadores que interrogaram as escrituras no mundo.¹⁰⁰

Derrida diz ainda que essas questões de origem acabam sempre desembocando na questão da essência:

Deve-se saber o que é a escritura, para poder-se perguntar, sabendo-se de que se fala e de que é questão, onde e quando começa a escritura. Que é a escritura? Pelo que ela se reconhece? Qual certeza de essência deve guiar o levantamento empírico? Guiá-lo de direito, pois é uma Necessidade de fato que o levantamento empírico fecunde, por precipitação, a reflexão sobre a essência.¹⁰¹

Desse modo, todo pensamento que se pergunta "onde" e "quando" acaba se tornando um discurso sobre a essência e não pode se desvincular dela. É por isso que Derrida identifica que o interesse científico pela escritura, partindo de questões de origem, sempre tomou a forma de uma história da escritura, mas que essa história nunca pôde se desvincular das questões de essência exigidas por uma cientificidade. O próprio conceito de história contém, então, o embricamento entre questões de origem e de essência. Por isso, o conceito científico de história sempre exigiu uma teoria para "orientar a pura descrição dos fatos"¹⁰², para fundamentar-se. E, assim, podemos perceber porque o filósofo franco-magrebino, diz que os discursos guiados por essas questões conduzem sempre a uma metafísica da presença, à clausura logocêntrica.

Mas os conceitos teóricos que comandaram durante muito tempo as histórias gerais da escritura se mostraram muito aquém das imensas descobertas nesta área: "descobertas que precisamente deveriam ter estremecido os fundamentos mais seguros de nossa conceitualidade filosófica, inteiramente

¹⁰⁰DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 92.

¹⁰¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.92.

¹⁰²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p 92.

ordenada com respeito a uma situação determinada das relações entre logos e escritura."¹⁰³ Isto é, aquilo mesmo que a ciência procurava dar forma, acaba por exceder essa forma colocando-a em questão. O mesmo acontece com a visão instrumentalista e tecnicista da escritura, evidencia-se na história do pensamento ocidental uma restrição, um esforço logocêntrico que se inspira no modelo da escritura fonética sustentando uma ilusão teleológica. Mostrando como esta teleologia já era denunciada por alguns historiadores, Derrida cita P. Berger, autor, na França, da primeira História da escritura na antiguidade (1892): "Na maior parte dos casos, os fatos não se conformam a distinções que ... são justas apenas em teoria (p.XX)"¹⁰⁴. Segundo Derrida, os reflexos de uma visão restrita, instrumentalista, teleológica da escritura podem ser reconhecidos por toda parte no pensamento ocidental:

teleologia logocêntrica (expressão pleonática); oposição entre natureza e instituição; jogo das diferenças entre símbolo, signo, imagem etc.; um conceito ingênuo da representação; uma oposição não criticada entre sensível e inteligível, entre a alma e o corpo; um conceito objetivista do corpo próprio e da diversidade das funções sensíveis (os "cinco sentidos" considerados como outros tantos aparelhos à disposição do falante ou do escrevedor; a oposição entre a análise e a síntese, o abstrato e o concreto) (...); um conceito do conceito sobre o qual a mais clássica reflexão filosófica deixou poucas marcas; uma referência à consciência e à inconsciência que reclamaria com toda Necessidade um uso mais vigilante destas noções e alguma consideração pelas investigações que as tomam como tema; uma noção de signo que a filosofia, a linguística e a semiologia esclarecem rara e fracamente.¹⁰⁵

Essa crítica ao logocentrismo que comanda o conceito de ciência, de história e do pensamento ocidental de forma geral aparece como uma vigília derridiana à clausura do pensamento. Mas já vimos que se a desconstrução coloca-se como uma vigília atenta ao logocentrismo e suas pretensas certezas, ela não se baseia na possibilidade de extinção da metafísica. O projeto gramatológico deve, então, empreender um estudo em que "a descoberta 'positiva' e a 'desconstrução' da história da metafísica, em todos os seus conceitos, se controlem reciprocamente, minuciosamente, laboriosamente. Sem isto, toda liberação epistemológica corre o risco de ser ilusória ou limitada."¹⁰⁶

¹⁰³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 101.

¹⁰⁴P. BERGER *apud* DERRIDA. *Gramatologia*. p. 102.

¹⁰⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 102.

¹⁰⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 103.

*

Numa palestra que gerou o texto "Assinatura Acontecimento Contexto" proferida por Derrida no *Congrès International des Sociétés de philosophie de langue française* que girava em torno do tema da comunicação e que aconteceu em Montreal no ano de 1971, o filósofo franco-magrebino postula o que chama de "estrutura grafemática geral de qualquer comunicação", inscrevendo também a comunicação sob a "ordem" da arquescritura, isto é, espaçada, falível, grafemática. A discussão desse texto que desconstrói uma visão ideológica da comunicação pode nos ajudar a entender de que forma Derrida apresenta a estrutura (im)possível em que toda ciência está baseada. A irreduzível disseminação do sentido contida no alargamento do conceito de escritura abala a pretensão de objetividade tanto da ciência como da comunicação.

Neste evento, Derrida escolhe tomar como exemplo para análise um estudo sobre a escritura empreendido por Condillac e, justifica tal escolha pelo fato de que não se pode achar em toda a história da filosofia nenhuma análise que contradiga o que propõe Condillac no *Essai sur l'origine des connaissances humaines*. Neste exemplo, assim como na acepção corrente de forma geral, a escrita é vista como um potente meio de comunicação que alarga seu campo para além da comunicação oral e gestual pressupondo uma espécie de espaço homogêneo onde

o domínio da voz ou do gesto reencontrariam aí, certamente, um limite factual, uma fronteira empírica na forma do espaço e do tempo; e a escrita viria, no mesmo tempo, no mesmo espaço, desfazer os limites, abrir o mesmo campo a um domínio muito mais vasto. O sentido, o conteúdo da mensagem semântica seria transmitido, comunicado através de meios diferentes, (...) num meio por natureza contínuo e igual a si próprio, num elemento homogêneo através do qual a unidade, a integridade do sentido não seria essencialmente afetada. Qualquer afetação aqui seria acidental.¹⁰⁷

Esta interpretação, segundo Derrida, seria a interpretação propriamente filosófica da escrita que se baseia em três princípios básicos do porque os homens escrevem: 1) a primeira justificativa é porque eles têm de comunicar; 2) a segunda é porque o que eles têm para comunicar é o seu pensamento, as suas ideias, as

¹⁰⁷DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p 405.

suas representações, isto é, o pensamento é anterior e comanda a ideia, o conteúdo significado que seria apenas transportado pela comunicação; 3) e a terceira justificativa diz respeito ao valor de ausência da escrita: os homens tiveram que inventar novas maneiras de comunicar seus pensamentos para pessoas que estivessem ausentes. Esse valor de ausência, como veremos em seguida, se interrogado de novas maneiras, pode introduzir uma certa ruptura na homogeneidade do sistema. Por enquanto é importante perceber como a tradição do pensamento ocidental manteve-se presa a um contexto limitado da escritura:

Desde o momento em que os homens já estão em estado de 'comunicar os seus pensamentos', e fazê-lo através dos sons (...), o nascimento e o progresso da escrita seguirão uma linha direta, simples e contínua. A história da escrita conformar-se-á a uma lei da economia mecânica: ganhar o máximo de espaço e de tempo pela abreviação mais cômoda; não terá nunca o menor efeito sobre a estrutura e o conteúdo de sentido (das ideias) que deverá veicular.¹⁰⁸

Percebemos nessa passagem o valor secundário e representativo da escrita não só em relação ao pensamento que se produziria independente dela, mas também derivado com relação ao som que seria o primeiro e mais importante modo de comunicação.

Depois de ter analisado o que chama de "motivo da redução econômica, homogênea e mecânica" da escrita no estudo de Condillac, Derrida passa a investigar de que forma o valor da ausência da escrita é tratado por ele. Em primeiro lugar, esta ausência diz respeito apenas ao destinatário. Condillac não leva em conta a ausência do emissor "em relação à marca que abandona, que se separa dele e continua a produzir efeitos para além de sua presença e da atualidade presente de seu querer-dizer."¹⁰⁹ Em segundo lugar, a ausência de que fala Condillac, de acordo com Derrida, seria apenas uma modificação da presença, onde esta seria suprida pela representação: "esta operação de suplementação não é exibida como ruptura de presença mas como reparação e modificação contínua, homogênea, da presença na representação"¹¹⁰. Esta suplementação da presença daria nascimento à própria ideia metafísica de signo, que teria nascido junto com a imaginação e a memória, "no momento em que é requerido pela ausência do

¹⁰⁸DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p 406.

¹⁰⁹DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 407.

¹¹⁰DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 408.

objeto na percepção presente."¹¹¹ Este conceito de signo como "representação da ideia que representa ela própria a coisa percebida"¹¹² não se inicia nem acaba com Condillac, este último apenas se inscreve na tradição do pensamento ocidental de uma análise ideológica da significação escrita. Nas palavras de Derrida:

A comunicação a partir daí veicula uma representação como conteúdo ideal (o que se chamará o sentido); e a escrita é uma espécie desta comunicação geral. Uma espécie: uma comunicação comportando uma especificidade relativa no interior de um gênero.¹¹³

E, por esta análise, a especificidade relativa da escritura é designada pelo seu valor de ausência.

Questionando esta análise ideológica da escrita, Derrida sugere duas hipóteses: 1) se todo signo supõe uma ausência, e se se pretende reconhecer uma especificidade para o signo escrito, torna-se necessário que a ausência da escritura possua uma especificidade; 2) se a especificidade que caracteriza a ausência do signo escrito fosse a mesma para toda espécie de signo e de comunicação seria preciso pensar um deslocamento geral no conceito da escrita: ela não poderia mais ser vista como uma espécie, um tipo determinado de comunicação, e todos os conceitos que justificaram sua subordinação apareceriam como "não críticos, mal formados ou destinados, antes, a assegurar a autoridade e a força de um certo discurso histórico."¹¹⁴

Na primeira hipótese, já é reconhecida uma ausência em todo signo que o discurso clássico parece esquecer sem ter lidado com ela em toda sua história. Na segunda hipótese evidencia-se uma falta de fundamentos que justifique a secundariedade e a derivação da escrita em relação aos outros signos linguísticos. O valor de ausência do destinatário reconhecido à escritura por Condillac e pelo discurso clássico de uma forma geral é axacerbado por Derrida que mostra como esta ausência não é apenas uma modificação da presença, como uma presença longínqua, retardada, mas realmente, uma ruptura com a presença. Pois para que haja signo escrito é necessário que ele permaneça legível mesmo na ausência total de um destinatário determinável, em outras palavras, é necessário que ele seja

¹¹¹DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 408.

¹¹²DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 409.

¹¹³DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 409.

¹¹⁴DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 410.

iterável, repetível, identificável, no desaparecimento absoluto do destinatário: "Esta iterabilidade - (iter, de novo, viria de itara, outro em sanscrito, e tudo o que se segue pode ser lido como exploração desta lógica que liga a repetição à alteridade) estrutura a própria marca de escrita, qualquer que seja aliás o tipo de escrita."¹¹⁵ E, para além da ausência do destinatário, toda marca, entendida como uma escrita, deve poder funcionar também na ausência do emissor, para além da morte tanto de um como de outro:

o que vale para o destinatário vale também, pelas mesmas razões para o emissor ou para o produtor. Escrever, é produzir uma marca que constituirá uma espécie de máquina por sua vez produtiva, que a minha desaparecimento futura não impedirá de funcionar e de dar, de se dar a ler e a reescrever.¹¹⁶

E Derrida prossegue explicando que quando fala da "desaparição futura" do emissor está falando, na verdade, da sua não-presença em geral, da não-presença do seu querer-dizer, da sua intenção-de-significação, do seu querer-comunicar-isto, na emissão ou na produção da marca:

Para que um escrito seja um escrito, é necessário que continue a 'agir' e a ser legível mesmo que se o que se chama o autor do escrito não responde já pelo que escreveu, pelo que parece ter assinado, quer esteja provisoriamente ausente, quer esteja morto ou que em geral não tenha mantido a sua intenção ou atenção absolutamente atual e presente, a plenitude do seu querer-dizer, mesmo daquilo que parece ser escrito 'em seu nome'.¹¹⁷

Podemos perceber como a extensão do caráter de ausência do destinatário da escritura para também seu emissor já abala uma visão ideológica da comunicação, inscrevendo-a, a partir da deriva da escritura, num terreno mais frágil, mais perigoso que questiona sua pretensão de plenitude. Seguindo o movimento hiperbólico de extensão dos limites de seu conceito clássico, Derrida vê na linguagem em geral esses traços da escritura: "Eles valeriam não só para toda a ordem de 'signos' e para todas as linguagens em geral mas também, para além da comunicação semio-linguística, para todo o campo do que a filosofia chamaria a experiência, mesmo a experiência do ser: a dita 'presença'".¹¹⁸

¹¹⁵DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p.410-411.

¹¹⁶DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p.411-412.

¹¹⁷DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p.412.

¹¹⁸DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p. 413.

Os traços essenciais que caracterizam a escrita no discurso clássico e que Derrida reconhece à linguagem em geral são os seguintes: em primeiro lugar, a escrita é uma marca que permanece, que não se esgota no presente de sua inscrição. Em seguida, o filósofo marca que a escrita comporta uma força de ruptura com seu contexto sendo que é preciso admitir que essa ruptura não é acidental, mas a própria estrutura da escrita. A partir dela, é impossível que um contexto feche-se sobre si. E, enfim, Derrida diz que esta ruptura diz respeito ao intervalo que constitui o signo escrito: "este intervalo não é a simples negatividade de uma lacuna mas o surgir da marca".¹¹⁹

Se assumimos, junto com Derrida, a extensão dessas características à linguagem em geral, chegamos ao "novo conceito" de escritura que o filósofo revela a partir de Gramatologia e às devidas consequências que ela traz à tona como o reconhecimento da estrutura grafemática de toda comunicação. Se a escrita no sentido corrente é aquilo que amplia o campo de uma comunicação, a arquiescritura, o deslocamento derridiano da visão da escrita, é aquilo mesmo que impossibilita toda comunicação. Ora, podemos ver em que sentido a ruptura da visão ideológica da comunicação escrita (e assim de toda comunicação) também diz respeito à impossibilidade de uma ciência da escritura.

*

De que forma, então, podemos pensar a *gramatologia* como uma ciência? Rafael Haddock-Lobo nos explica que as fendas e as brechas assumidas pela escritura derridiana são fundamentais para que o projeto gramatológico, à medida que vai se desenvolvendo, já apresente sua impossibilidade como projeto. Nas palavras de Haddock-Lobo:

para uma gramatologia ser possível, é necessário que se permaneça ainda no logocentrismo (...). Mas então? Então aparecem incontáveis entãos que vêm atestar que a questão derridiana que perpassa todo o projeto gramatológico é a questão sobre a questão.¹²⁰

¹¹⁹DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p. 414.

¹²⁰HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. p.124.

Certamente esta ciência só pode ser imaginada a partir do questionamento da cientificidade da ciência, a partir das aporias que a escritura vem evidenciar como constituintes de todo pensamento, a partir da rasura dos conceitos tradicionais, pois, como já vimos, o pensamento do rastro abala as questões da origem e da essência. O rastro não pode "ser submetido à questão ontofenomenológica da essência. O rastro não é nada, não é um ente, excede a questão o que é e eventualmente a possibilita."¹²¹

Na gramatologia derridiana seria descabida a pergunta pelo início da escritura, já que quando pensamos em seu conceito alargado, que tem o rastro como raiz, evidencia-se a impossibilidade de se começar pelo começo. A ideia de linearidade dos conceitos tradicionais de escritura, de tempo, de história, de ciência, é desconstruída pelo espaçamento da escritura derridiana. Na verdade, Derrida lembra como a escritura no sentido estrito e, principalmente a escritura fonética, estão enraizadas num passado de escritura não-linear que foi preciso vencer para garantir "uma maior segurança e maiores possibilidades de capitalização num mundo perigoso e angustiante. Mas isso não se fez de uma vez. Instalou-se uma guerra e um recalque de tudo o que resistia à linearização."¹²² Contudo, Derrida indica que há mais de um século, podemos perceber uma inquietude da filosofia, da ciência, da literatura com o que deve ser o abalo de um modelo linear:

O fim da escritura linear é efetivamente o fim do livro, mesmo que, ainda hoje, seja na forma do livro que se deixam - bem ou mal - embainhar novas escrituras, quer sejam literárias ou teróricas. Aliás, trata-se menos de confiar ao envólucro do livro escrituras inéditas do que de ler, enfim, o que, nos volumes, já se escrevia entre as linhas. É por isso que, começando-se a escrever sem linha, relê-se também a escritura passada segundo uma outra organização do espaço. Se o problema da leitura ocupa hoje a dianteira da ciência, é em virtude deste suspenso entre duas épocas da escritura. Porque começamos a escrever, a escrever de outra maneira, devemos reler de outra maneira.¹²³

Segundo Derrida, se a inadequação do modelo linear da escritura pode ser denunciado hoje melhor do que nunca, isso não quer dizer que esta inadequação seja moderna, ela sempre existiu, mas atualmente a própria ciência e história parecem não conseguir conterem-se em seus limites, deixando aparecer a

¹²¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.92

¹²²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 106

¹²³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p 108

fragilidade e a falta de fundamentos que restringem a escritura a uma clausura logocêntrica. Isto que se faz ver melhor hoje do que em qualquer outra época é a própria impossibilidade do fonetismo se estabelecer de fato. Podemos enxergar, então, o fonetismo como a constituição, a exigência, a redução logocêntrica não apenas do conceito de escritura como também do pensamento ocidental de forma geral. A linearidade da objetividade científica pode ser entendida como um trabalho fonocêntrico que opera em toda escritura, assim,

a reflexão sobre a essência do matemático, do político, do econômico, do religioso, do técnico, do jurídico etc., comunica da maneira mais interior com a reflexão e a informação sobre a história da escritura. Ora, continua o veio que circula através de todos estes campos de reflexão e constitui a sua unidade fundamental, é o problema da fonetização da escritura. Esta fonetização tem uma história, nenhuma escritura está absolutamente isenta dela, e o enigma desta evolução não se deixa dominar pelo conceito de história. Este aparece, sabe-se, num momento determinado da fonetização da escritura e a pressupõe de maneira essencial.¹²⁴

Desta forma, vemos como um estudo da escritura não pode, pura e simplesmente, se fazer sem colocar a questão de sua fonetização, isto é, de sua redução fono-logocêntrica. A questão da fonetização da escritura é também a questão sobre a possibilidade de objetividade, de idealidade, enfim, da cientificidade de toda ciência. Mas, ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que essa fonetização nunca aconteceu de forma plena, por mais que se tenha tentado encobrir as brechas, recalcar as fendas da escritura, o não-fonético nunca foi totalmente reduzido em nenhuma destas manifestações, por isso mesmo é que é possível enxergar uma escritura não-fonética, não-linear, da qual a outra seria apenas uma de suas manifestações. Na verdade, "a distinção entre a escritura fonética e a escritura não-fonética, por indispensável e legítima que seja, permanece muito derivada em relação ao que se poderia denominar uma sinergia e uma sinestesia fundamentais."¹²⁵

Derrida chama atenção aqui para o estado de contaminação de todo pensamento. A impossibilidade de haver uma escritura puramente fonética é a impossibilidade da pureza de qualquer conceito. Assim, o estudo derridiano da escritura, como a desconstrução da metafísica, como o abalo da fonetização, como a solicitação do logocentrismo, aparece como a estrutura (im)possível de todo

¹²⁴DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 111.

¹²⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.112.

pensamento:

Desde que a fonetização se deixa interrogar na sua origem, na sua história e nas suas aventuras, vê-se seu movimento confundir-se com os da ciência, da religião, da política, da economia, da técnica, do direito, da arte. As origens destes movimentos e destas regiões históricas não se dissociam, como devem fazê-lo para a delimitação rigorosa de cada ciência, senão por uma abstração de que devemos permanecer conscientes e que devemos praticar com vigilância. Pode-se denominar aqui-escritura esta cumplicidade das origens. O que se perde nela é, portanto, o mito da simplicidade da origem. Este mito está ligado ao próprio conceito de origem: à fala recitando a origem, ao mito da origem e não apenas aos mitos de origem.¹²⁶

Podemos perceber, então, como *Gramatologia*, apresentando este novo conceito de escritura, aparece, na verdade, mais do que como uma ciência da escritura, como o anúncio do próprio pensamento da desconstrução de uma maneira geral que coloca em cena a necessidade de uma vigília permanente em relação às clausuras do pensamento. Como já afirmamos algumas vezes, a assunção do caráter impossível do pensamento não deve ser entendida como um desencorajamento para o pensar, muito pelo contrário, é preciso entendê-lo como sua condição de possibilidade. O que não devemos fazer é, justamente, nos contentarmos com aparentes certezas, devemos continuar levando o pensamento para suas bordas, empurrando-o contra seus limites, fazendo-o transbordar seus contextos. É por isso que Derrida diz que "a constituição de uma ciência ou uma filosofia da escritura é uma tarefa necessária e difícil"¹²⁷ que precisaria abraçar tanto o movimento do desejo por uma plenitude, que faz com que se produzam pensamentos, com que as escrituras se inscrevam, mas também reconhece a fragilidade, a falta de fundamentos, a incompletude de todo pensamento que clama, exige sempre mais pensamento. Tal ciência precisaria reconhecer, numa postura lúcida, uma certa incompetência de toda ciência, precisaria reconhecer e assumir o trabalho do *rastro* em todo texto, o *espaçamento* de toda escritura:

Esta raiz comum, que não é uma raiz, mas a esquiva da origem e que não é comum porque apenas volta ao mesmo com a insistência tão pouco monótono da diferença, este movimento inomeável da diferença-mesma, que alcunhamos estrategicamente de *rastro*, reserva ou diferença, apenas se poderia denominar escritura na clausura histórica, isto é, nos limites da ciência e da filosofia (...). *Gramatologia*, este pensamento se conservaria ainda encerrado na presença.¹²⁸

¹²⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.116-117

¹²⁷DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.118

¹²⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.118

Para se empreender um projeto gramatológico em sua positividade seria necessário ver a escritura como objeto, confirmar a sua redução fonética (o que parece, justamente, estar longe da intenção de Derrida). De acordo com sua famosa frase 'desculpe por não querer dizer' percebemos como a preocupação do projeto gramatológico, que se sabe frustrado desde seu início, é a de problematizar noções caras ao pensamento ocidental que protegem sua clausura metafísica. O reconhecimento da redução da *arquiescritura*, de sua fonetização, como raiz de toda ciência, como o mito da possibilidade de um pensamento da origem e da essência, vem trazer a necessidade de um pensamento que possa fazer justiça à noção alargada de escritura que abraze espaço para novas formas de pensar. E para finalizar com uma citação de Derrida na abertura de *Gramatologia*:

Talvez a meditação paciente e a investigação rigorosa em volta do que ainda se denomina provisoriamente escritura, em vez de permanecerem aquém de uma ciência da escritura ou de a repelirem por alguma razão obscurantista, deixando-a - ao contrário - desenvolver sua positividade ao máximo de suas possibilidades, sejam a errância de um pensamento fiel e atento ao mundo irredutivelmente porvir que se anuncia no presente, para além da clausura do saber. O futuro só se pode antecipar na forma do perigo absoluto. Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e por isso somente se pode anunciar, apresentar-se, na espécie da monstruosidade. Para este mundo por vir e para o que nele terá feito tremer os valores de signo, de fala e de escritura, para aquilo que conduz aqui o nosso futuro anterior, ainda não existe epígrafe.¹²⁹

¹²⁹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 6.

Desdobramentos

A partir da ideia alargada de escritura apresentada nesta dissertação gostaríamos de apontar, como possibilidade de abertura para um futuro trabalho na leitura da obra de Derrida, o caráter ficcional de todo pensamento. Como vimos, a desconstrução do conceito metafísico de linguagem e a consequente liberação de uma noção radical de escritura nos lança num terreno instável que nos deixa ver uma fragilidade, uma falta de fundamentos, inerente a todo pensamento.

A postura lúcida que nos é exigida a partir da assunção da escritura derridiana nos faz desconfiar de toda certeza, de toda conclusão, de todo limite, nos quais se gostaria de poder fazer estancar o pensamento em sua compreensão correta. Mas Derrida, ao invés de estabelecer certezas, pontos fixos como centros organizadores do pensamento, enxerga, ao contrário, seu caráter provisório, uma vez que admite que todo pensamento é uma construção e, por isso, passível de ser desconstruído. Essa visão do pensamento permite-nos falar de uma extensão da ideia de ficcionalidade para além de seus limites clássicos. Isto é, para Derrida, o caráter ficcional diria respeito a todo e qualquer pensamento e não apenas àquele ligado à arte, ao qual aceitamos este estatuto sem problemas.

Estender o caráter ficcional ao pensamento científico e filosófico, por exemplo, não é desmerecer qualquer pensamento ou, ao contrário do que muitos críticos da desconstrução acreditam, não é uma postura niilista de quem não vê sentido em nada. Mas justamente o oposto, é exatamente, por um excesso de respeito ao sentido, que acredita-se que ele nunca pode ser apreendido plenamente, como uma espécie de desvelamento do real. O "real" é uma espécie de segredo ao qual não temos acesso pleno e colocamos justamente o termo "real" entre aspas, pois, para Derrida, aquilo que seria real é da ordem do rastro e, portanto, não da ordem de uma presença ou de uma ausência mas de um segredo. Na verdade, toda tentativa de revelação desse segredo apresenta-se como uma construção do pensamento na metaforicidade da escritura. Desse modo, nenhum discurso pode apresentar-se como próprio, como verdadeiro, como mantendo uma relação natural ou imediata com um suposto *logos* que, de fora, pudesse garantir a

legitimidade do pensamento. A ausência de um tal significado transcendental nos lança no terreno da ficcionalidade, onde se deve desconfiar da pretensão de propriedade de todo discurso.

É no sentido da exigência de uma hiper-lucidez diante das clausuras do pensamento, que vimos a partir da noção derridiana de escritura, que se abre a possibilidade de pensar a desconstrução por uma via dupla que reconhece e assume, por um lado, o desejo de se alcançar esse segredo do real, marcando o que John Caputo chama de um hiper-realismo em Derrida e, por outro, enxerga que todo discurso produzido por esse desejo fica aquém, não dá conta, do "real" mesmo, mostrando como ele sempre pode ser reconstruído de outra maneira.

O termo "hiper-realismo" cunhado por Caputo, referindo-se ao pensamento da desconstrução, pretende defender tal pensamento de críticas que comumente são endereçadas a ele e que o apontam como niilista, relativista ou subjetivista. Caputo defende, ao contrário, que a escritura derridiana marca um gesto afirmativo do pensamento que não pode se contentar com o que quer que se apresente como real. Como explica: “se, por realismo, entende-se que o alcance do conhecimento se estende até à “coisa mesma”, a desconstrução replicará que *a coisa mesma, (...), sempre escapa*”¹³⁰. Mas ele nos adverte que ficar apenas com a afirmação desconstrutiva de que *a coisa mesma sempre escapa* seria omitir uma outra parte da questão. E isso poderia nos dar a impressão errônea de que a desconstrução nos deixa à deriva, que ela nos corta o contato com o mundo, negando-nos a referência e nos trancando numa prisão de jogos de diferença. Se o pensamento da desconstrução se restringisse apenas a isso poder-se-ia dar crédito à crítica mencionada acima. Mas o que Caputo defende é justamente o oposto: que a desconstrução (da realidade, do sentido, da presença) não é algo negativo e, sim, uma obra de amor que, ao invés de desfazer a verdade, é uma forma de fazê-la.

A desconstrução não pretende confinar a linguagem, transformar o conhecimento em ilusão ou a fé em desespero, ela pretende liberar o pensamento para além do que se presentifica como “real” oferecendo a possibilidade de alguma outra coisa. Uma outra coisa pela qual ansiamos e desejamos, que seja, como diz Caputo, “algo indesconstrutível em relação ao qual o mundo meramente real e desconstrutível simplesmente não poderá oferecer”¹³¹, frisando, assim, um

¹³⁰ CAPUTO, J. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 29.

¹³¹ CAPUTO, J. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 31.

amor da desconstrução pela singularidade do que não é desconstrutível, um desejo que não se satisfaz com o que quer que se apresente como real e que se dirige para um hiper-real, para algo que não é menos e sim mais do que real, além do real.

Esse desejo por um hiper-real marca, em outras palavras, o amor da desconstrução pela alteridade. É num gesto de “preservação desconstrutiva” do que Derrida chama de “totalmente outro” que ele afirma que *a coisa mesma sempre escapa*. A coisa mesma só está a salvo se ela for ocultada em segurança, se o que quer que se apresente como real seja tudo menos a própria coisa. Caputo aproxima a afirmação de Derrida ao pensamento de Lévinas quando este diz que o amor “é uma relação com aquilo que sempre escapa”¹³². E é neste sentido que para Derrida amar significa “entregar-se ao impossível”¹³³, pois para respeitar o outro enquanto outro, para respeitar justamente o que há de outro no outro, para que ele permaneça outro, é preciso amar e respeitar sua inacessibilidade, render-se ao impossível.

Este hiper-realismo apontado por Caputo encontra-se intimamente ligado à ideia da extensão da ficcionalidade a todo pensamento proposta por Derrida. A partir da noção de escritura que vimos aqui é possível pensar que a desconstrução como um pensamento da relação (im)possível com o outro, reflete dois momentos indissociáveis na dinâmica de seu funcionamento:

1 – Por um lado a desconstrução é marcada por um momento hiper-realista que diz respeito a seu desejo pelo indesconstrutível. Isto é, ela não nega um desejo de presença, um desejo por um *significado transcendental* que venha pôr fim ao trabalho de questionamento. Em outros termos, não se trata de negar o significado, mas sim de reconstituí-lo como da ordem do desejo e não da presença. A partir da máxima derridiana apresentada por Caputo, segundo a qual *a coisa mesma sempre escapa*, podemos perceber uma radicalização da proposta realista ao denunciar que todo realismo fica aquém de seu objetivo. Aqui, neste momento, o tema central consiste no caráter constituidor da promessa de se encontrar a coisa mesma.

2 – Por outro lado há um momento de assunção da ficcionalidade inerente a tudo o que se obtém a partir da tentativa de dar conta da coisa mesma. Uma ficcionalidade que põe em marcha o desejo de presença mas que, ao mesmo

¹³²Lévinas apud Caputo. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 32.

¹³³Derrida apud Caputo. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida..* p. 32.

tempo, frustra esse desejo, pois o que se presentifica nunca é o que o desejo deseja. A ficcionalidade diz respeito aqui a todo discurso pois percebe-se que a promessa que se ergue a partir da exigência de se alcançar a coisa mesma sempre falha. O que se presentifica nunca é o real em si, mas efeitos de “realidade” que o apresentam “como se” ele fosse assim.

Dessa forma poderíamos dizer que o pensamento de Derrida é hiper-real no sentido em que permite pensar o segredo envolvido em todo real, ou melhor, em que permite pensar o real como *o segredo*. O pensamento da desconstrução, como um pensamento que quer tangenciar o segredo do real, mantendo-o secreto, não tem outra forma de funcionar a não ser pela dinâmica de uma promessa que nunca se cumpre e que está sempre se refazendo através de sucessivas frustrações. A ficcionalidade aparece, então, como o resultado da não-correspondência entre o desejo e o que se obtém nessa tentativa de alcançar a coisa mesma.

Portanto, podemos entender essa extensão da ficcionalidade a todo pensamento proposta por Derrida como mais uma crítica ferrenha ao ideal de presença da metafísica. Na explicação de Caputo:

Se o real significa o que se encontra presente, o que está realmente aí, plenamente desvelado, então a desconstrução, como desconstrução da metafísica da presença, é a desconstrução do realismo, de qualquer presença plena ou real que, como tal, pode sempre ser mostrada enquanto um efeito constituído. Exatamente do mesmo modo que a representação e a não-presença precedem e tornam possível o “efeito” da “presença”, a desconstrução terá um prazer diabólico em mostrar de que modo a não-realidade e a irrealidade precedem e tornam a “realidade” possível, tornando ao mesmo tempo possível e impossível o que quer que ouse se passar por realidade. A desconstrução jamais se cansaria de contar aos realistas aquela história contada por Nietzsche, de como o mundo real tornou-se fábula.¹³⁴

A noção derridiana de escritura é atravessada pelo reconhecimento de que toda revelação se estrutura não em função de um “enquanto tal” mas de um “como se”. Assim, podemos dizer que da mesma forma como os discursos ficcionais se tecem “como se” isto ou aquilo tivesse acontecido, também o pensamento crítico se estrutura “como se” a verdade ou a realidade fossem essa ou aquela, mas este não assume isto de forma alguma. É por isso que Derrida aponta uma potência no discurso que assume sua ficcionalidade e que deveria ser aprendida pela filosofia:

¹³⁴ CAPUTO, John. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. p. 29.

Uma postura filosófica de extrema lucidez deveria ser aquela que, em primeiro lugar, aceitasse esse estatuto ficcional de seu discurso, essa impossibilidade absoluta de se alcançar uma verdade: não porque nosso discurso ainda não é suficiente para isso, devendo ser aprimorado ou então que se encontre outro idioma digno deste acesso, mas sim porque a estrutura mesma deste “isto” que se quer alcançar é sua indizibilidade. E, em última instância, porque qualquer pretensão de verdade e mesmo uma postura que queira independe da verdade em nome de quaisquer critérios epistemológicos, também é, ela mesma, resultado desta pulsão ficcional que nos assombra.¹³⁵

¹³⁵HADDOCK-LOBO, Rafael. *Considerações sobre um “hiper-ceticismo” em Jacques Derrida*. p. 8.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”. In: *Cadernos de mestrado/Literatura*, 2a. edição. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

_____. *Prefácio de Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”. In: *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

BENNINGTON, Geoffrey. DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*, tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. *Interrupting Derrida*. London and New York: Routledge, 2000.

CAPUTO, John. *Deconstruction in a nutshell: a conversation with Jacques Derrida*. New York: Fordham University Press. 1997.

BRADLEY, Arthur. *Derrida's of Grammatology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

CAPUTO, John. *Deconstruction in a nutshell: a conversation with Jacques Derrida*. New York: Fordham University Press. 1997.

_____. “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida”. In: DUQUE-ESTRADA, P.C. (org.) *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. PUC-Rio / Edições Loyola, 2002.

_____. *Radical hermeneutics: repetition, deconstruction and the hermeneutic project*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

CASTRO, Claudia. *O insignificante signo*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1993.

CRITCHLEY, Simon. *The Ethics of Deconstruction: Derrida and Lévinas*. Indiana : Purdue University Press, 1999.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*, tradução de: Patrícia Borrowes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *A farmácia de Platão*, tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

_____. “A Mitologia Branca: a metáfora no texto filosófico”. In: DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Porto: Rés editora

_____. *A voz e o fonômeno*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *De la Grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.

_____. *Donner la mort*. Paris: Éditions Galilée, 1999.

_____. *Gramatologia*, tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Limited Inc*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Memoirs of the blind: the self-portrait and other ruins*. Translated by Pascale-Anne Brault and Michael Naas. Chicago and London: University of Chicago Press, 1993.

_____. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*, tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

_____. *Posições*, tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. “Préjugés. Devant la loi”. In: *La faculté de juger. Colloque de Cerisy*. Paris: Éditions de Minuit, 1985.

_____. “Restitutions”. In: DERRIDA, Jacques. *La vérité en peinture*. , Paris: Champs-Flammarion, 1978.

_____. “This strange institution called literature” in: *Acts of literature*. New York and London: Routledge, 1992.

_____. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. “Derrida e a escritura”. In: DUQUE-ESTRADA, P.C. (org.) *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. PUC-Rio / Edições Loyola, 2002.

_____. “Jacques Derrida – Primeiros passos: da linguagem à escritura”. In: *Mente Cérebro & Filosofia*, no.12, agosto de 2008.

_____. “Alteridade, violência e justiça: Trilhas da desconstrução”. In: DUQUE-ESTRADA, P.C. (org.) *Desconstrução e ética: Ecos de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. PUC-Rio / Edições Loyola, 2004.

HADDOCK-LOBO, Rafael. “Considerações sobre um ‘hiper-ceticismo’ em Jacques Derrida”. In: PEREIRA, Maria Antonieta e FERREIRA SÁ, Luiz

Fernando (org.) *Jacques Derrida: Atos de leitura, literatura e democracia*. Belo Horizonte: Faculdade de letras da UFMG, Linha Ed. Tela e texto, 2009.

_____. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2008.

_____. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1997.

KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. “Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral” In: *O livro do filósofo*. São Paulo: Centauro, 2001.

PETROSINO, Silvano. *Jacques Derrida et la loi du possible*. Paris: Les editions du cerf, 1994.

SANCHO, Antonio Tudela. *Ahora si, créame, creo en los fantasmas*. In: CRAGNOLINI, Mônica B. (org.). *Por amor a Derrida*. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1995.

SPIVAK, Gayatri. “Preface to Of grammatology”. In: DERRIDA, Jacques. *Of grammatology*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.